

Falta misandria no movimento Trans

(Versão: 2015nov12b)

Às vezes a gente precisa se tornar visível
pra encontrar as pessoas parecidas com a gente.
Entre em contato!

eduardoochs@gmail.com

<https://www.facebook.com/eduardo.ochs>

<http://angg.twu.net/>

<http://angg.twu.net/gender.html>

<http://angg.twu.net/falta-misandria-2.html>

<http://angg.twu.net/LATEX/falta-misandria-a5.pdf>

Dica: na versão online - o PDF em A5 - os links funcionam.

Índice:

| | | |
|----|-------------------------------|----|
| 1 | “Põe a cara no sol” | 6 |
| 2 | Expulsão | 6 |
| 3 | Proibições | 7 |
| 4 | Trans de verdade | 8 |
| 5 | Allen Ginsberg e a NAMBLA | 8 |
| 6 | Heloísa | 9 |
| 7 | Inglês | 12 |
| 8 | Reinventar a roda | 13 |
| 9 | “Aqui se pensa bem” | 13 |
| 10 | Aspecto físico | 15 |
| 11 | E aí, comeu? | 15 |
| 12 | Blindagem emocional | 17 |
| 13 | Amigos junkies | 17 |
| 14 | Expectativa e rejeição | 18 |
| 15 | Lidar com impulsos | 18 |
| 16 | Consensual | 20 |
| 17 | Desculpas | 22 |
| 18 | Coração | 23 |
| 19 | Sororidade | 26 |
| 20 | Limites da sororidade | 26 |
| 21 | Homens podem ser feministas? | 27 |
| 22 | Ônibus | 27 |
| 23 | Crédito | 28 |
| 24 | “Que bom, tá saindo tudo” | 29 |
| 25 | “Homem de verdade” não existe | 32 |
| 26 | Coisa de viado | 32 |
| 27 | Mentira, inferno, mistério | 33 |
| 28 | Máfias | 33 |
| 29 | Sessão Coruja | 34 |
| 30 | Marta e iniciativa | 35 |
| 31 | As distinções certas | 37 |
| 32 | “Engenheiros” | 39 |
| 33 | Hombres y Machos | 39 |
| 34 | Falar mal | 40 |
| 35 | PUC | 41 |
| 2 | Suspensão | 78 |
| 3 | Xerecas Satânicas | 78 |
| 4 | Liberdade com o próprio corpo | 81 |
| 5 | Responsabilidade | 82 |

| | | |
|---|--|----|
| 6 | Mecanismos | 83 |
| 7 | As coisas que não deveriam existir | 84 |
| 8 | Satânica? | 88 |
| 9 | Coisas que enlouquecem | 88 |

1 “Põe a cara no sol”

Quando você tem certeza de que é trans desde cedo, e você sai do armário cedo, põe a cara no sol, e leva porrada pra caralho porque está lutando pra ser feliz seus problemas são uns; por exemplo, todas as zilhões de pessoas tipo o segurança do banheiro do shopping, que é um louco recalcado que nunca nem pôde pensar em cortar o cabelo de um jeito diferente¹, e que vai tentar te punir pela tua coragem e pela tua liberdade.

Quando você tem certeza de que é trans desde cedo e leva porrada pra caralho em todo lugar você vê transfobia em todo lugar e tem mais é que denunciar mesmo.

Quando você cria a certeza de que é trans bem mais tarde, depois de uma vida inteira tentando ser meio genderless e achando que valia a pena poder passar por cis na rua e ser meio invisível, como eu² - porque afinal de contas as pessoas que podem te endender são mais raras que príncipes encantados - os problemas são outros.

Eu levei bem pouca porrada “externa” porque eu previa quais eram as áreas perigosas, e não me arriscava nelas... mas aos poucos eu vi que o que pareciam “áreas perigosas” pra mim eram coisas enormes, como as que as outras pessoas chamam de “vida afetiva”, “vida sexual”, e até “vida social”, porque “vida social” inclui gente falando com naturalidade em mesas de bar sobre desejo, galinhagem, namoros e família, e a sensação de que tudo isto era impossível pra mim tava me destruindo.

Eu não tenho como falar em primeira mão sobre sofrer transfobia, mas posso repassar centenas de notícias sobre isso, e centenas de relatos em primeira pessoa fantásticos de gente que escreve sobre as suas vivências brilhantemente bem. O link tá aqui³ - espero que isto me dispense de falar sobre transfobia eu mesmo.

2 Expulsão

Me expulsaram⁴ de um grupo trans do Facebook em maio de 2015, e essa expulsão me doeu bem mais do que acho que deveria.

Disseram que eu estava “relativizando transfobia” e “concordando com um texto transfóbico”. A minha leitura do que aconteceu é a seguinte. Os proble-

¹<http://angg.twu.net/2014-xs.html#3>

²<http://angg.twu.net/2014-tr.html>

³<http://angg.twu.net/trans-links.html>

⁴<http://angg.twu.net/falta-misandria.html>

mas das pessoas “trans desde cedo” são tão grandes e urgentes⁵ que quando a gente olha pra eles não sobra espaço pra mais nada. Talvez os problemas das pessoas “trans tardias”, em especial com as que se treinaram pra não dar muita bola pra própria aparência, como eu, sejam totalmente incompatíveis com os das pessoas “trans desde cedo”, e não possam ser discutidos nos mesmos espaços.

Exemplo: pra mim tem valido a pena esclarecer em que sentidos eu me identifico muito mais com mulheres e nada com homens - mas isso é um trabalho *enorme*, algumas respostas e explicações só me surgem depois de eu procurar por elas por anos... e em certos espaços se eu puxo assunto sobre isso pra saber como as outras pessoas conseguiram as explicações delas parece que eu estou cobrando que todas as pessoas trans tenham explicações tão sólidas quanto as que eu tento exigir de mim - e aí parece que eu estou questionando elas de um jeito que quase ninguém questiona as pessoas cis.

3 Proibições

É muito agressivo a gente dizer “você não é mulher porque x, y, z”, e a gente vê as pessoas que dizem isso como idiotas, fundamentalistas, transfóbicas, etc... Então há uma proibição entre as pessoas “legais” de *dizer* isto, mas esta proibição é problemática porque é inevitável a gente *pensar* sobre como a gente constitui a nossa personalidade com elementos “masculinos” e “femininos”...

Deveria haver mais espaço, pelo menos entre as pessoas “legais” que estão construindo seus gêneros permanentemente, pra gente conversar sobre essas coisas *em nós* - incluindo, por exemplo, que fulane fez certa coisa grossa e estúpida que pra gente é coisa de ômi, ou que a gente queria ter conseguido fazer direito certa gentileza mas travou no meio porque ela nos pareceu feminina demais.

O “masculino” era o que eu era obrigado a ser, e que era uma farsa e uma prisão. O “feminino” era mais verdadeiro, mas era proibido. Aos poucos eu fui encontrando jeitos de contornar *algumas* das proibições sem levar muita porrada⁶. A gente devia poder conversar mais sobre as proibições, que cada pessoa percebe diferente e que variam de lugar pra lugar; sobre medos, reais e imaginários; sobre os truques que cada um de nós descobriu ou inventou.

⁵https://en.wikipedia.org/wiki/Maslow%27s_hierarchy_of_needs

⁶<http://angg.twu.net/2014-xs.html#3>

4 Trans de verdade

Até pouco tempo atrás quando alguém dizia que eu não sou trans de verdade eu ficava *muito* incomodado - e eu sumia, e ia me angustiar escondido num canto.

Agora eu tenho a resposta.

Cara, *eu* sou de verdade. *Você* é que é só uma cópia.

Você se encaixou em padrões já existentes pra te verem como trans - em algo descrito por teorias médicas/psiquiátricas, ou em algum grupo reconhecido socialmente, ou você se apóia em alguma “teoria de gênero” dessas que diz que basta você se identificar com o gênero tal e fazer mais X, Y e Z, e aí você é do gênero tal.

Quando alguém não acredita nas teorias médicas ou etc nas quais você se apóia, aí babau - a pessoa diz que você não é trans, você é uma farsa, você é doente.

O meu trabalho pra conseguir inteligibilidade social é dez vezes melhor do que o seu. Ao invés de eu querer que as pessoas aceitem alguma teoria, eu exponho as minhas questões de um jeito que gera diálogo.

5 Allen Ginsberg e a NAMBLA

Lewis Carroll⁷ era pedófilo, Monteiro Lobato era racista, a Milfwtf⁸ é transfóbica, portanto devemos detestar tudo que eles escreveram, denunciá-los publicamente e organizar boicotes contra eles - e contra as pessoas que os defendem, e depois contra as pessoas que não os atacam.

Os argumentos pra minha expulsão⁹ do “Transfeminismo <3” foram que eu “relativizei transfobia” e “concordei com uma página transfóbica”.

No auge da demonização da pedofilia, na década de 90, o Allen Ginsberg se filiou publicamente à NAMBLA¹⁰ para apoiá-la. O argumento dele era mais ou menos o seguinte. Décadas antes todas as sexualidades e gêneros diferentes dos “normais” eram vistos como perversões, crimes, aberrações. Agora que gays e lésbicas estavam conseguindo alguma aceitação social eles estavam tentando esconder os tipos menos “respeitáveis” dentre eles, como os gays afeminados escandalosos e as lésbicas masculinas, e demonizar os

⁷http://www.dailyecho.co.uk/news/5046986.Call_to_celebrate_life_of_the_real_Alice/

⁸<https://milfwtf.wordpress.com/2014/06/23/sobre-pedofilia-e-a-minha-primeira-historia-de-horror/>

⁹<http://angg.twu.net/falta-misandria.html>

¹⁰https://en.wikipedia.org/wiki/North_American_Man/Boy_Love_Association

pedófilos e também, em menor grau, as feministas pró-porn e o povo de BDSM. Os pedófilos daquele momento - década de 90 - correspondiam *exatamente* aos gays de 40 anos antes.

Esse argumento do Allen Ginsberg é de uma profundidade *assombrosa*. Como uma história Sufi, à medida que a gente pensa nele, mesmo que só lembrando dele involuntariamente, ao longo de dias, meses e anos, ele vai revelando mais camadas de significado, mais elementos implícitos, mais interpretações, mais jeitos de dividir¹¹ as partes dele entre literal e performance.

Agora deixa eu contrastar o argumento do Allen Ginsberg com algo bem comum hoje em dia. Uma pessoa X posta no Facebook que todo mundo tem que boicotar tudo que tem a ver com o Lewis Carroll, porque ele é um pedófilo FDP. Os amigos dela vão seguir o que ela diz e boicotar o Lewis Carroll também, imagino - se não for isso, se os amigos dela disserem “lá vem aquela chata de novo”, então qual é o sentido de propor o boicote, se a proposta vai funcionar ao contrário do que deveria?

Qual é o *efeito* de um argumento ou de uma proposta - de boicote, ou seja lá do que for? O efeito de um argumento como o do Allen Ginsberg é fazer as pessoas pensarem sob vários pontos de vista e discutirem com cada vez mais profundidade, tanto na fase inicial em que metade das pessoas do grupo querem dar porrada nele e botar ele pra fora, quanto depois. E os efeitos de propor num post de 4 linhas um boicote ao Lewis Carroll, ou de expulsar alguém que, como eu, estava “relativizando transfobia” e “concordando com um texto transfóbico”?

6 Heloísa

Poucos depois de me expulsarem do “Transfeminismo <3” eu tive o seguinte diálogo com um conhecida, neste thread aqui¹².

Heloisa: Olá. Eu sou feminista interseccional. Se você é machista ou anti-feminismo: vaza.

Se você é uma mulher feminista, mas seu feminismo é trans-excludente, se você deslegitima identidades e subatividades trans binárias ou não binárias, se você deslegitima a bissexualidade ou se você acha que você tem `_direito_` a ter banheiros só pra você ou `_espaços_` só entre mulheres com bucetas - este aqui não é seu lugar. Faça um favor a nós duas e ponha-se para fora do meu facebook. Por que

¹¹<http://angg.twu.net/zamm-13.html#vu>

¹²<https://www.facebook.com/heloisamelino/posts/10204111261212312>

se eu vir publicação transfóbica, eu vou cair em cima. E daí você não me venha com argumentos de _sororidade_, porque isso que você chama de sororidade eu chamo de opressão e silenciamento.

Eu: Eu sou trans mas tou aos poucos escorrendo pra fora dos grupos trans porque FALTA MISANDRIA NO MOVIMENTO TRANS!!! A gente fica batendo em TERFs só porque pega bem - porque é uma unanimidade óbvia que elas são nossas inimigas - e porque a gente tem medo de ao invés disso atacar os ômis e uns comportamentos de ômis que a gente às vezes têm sem perceber - como falta de tato, invasividade, total desrespeito pelos gatilhos dos outros -, porque tem muita gente trans que gosta de ômis...

Eu passei três anos sem conseguir olhar nos olhos de ninguém, por sequelas de violência sexual - eu ainda tenho muitos restos de fobias - e nos últimos dias eu li alguns textos de RADs e TERFs sobre como elas tentam lidar com fobias e sequelas, tentam criar espaços seguros, e coisas assim, e tive a sensação de que eu me identifico muito mais com esses temas do que com 95% do que eu vejo as pessoas trans discutindo... e tou com uma sensação muito forte de que eu quero encontrar algum jeito de respeitar as fobias delas ao invés de brigar com elas.

Se você achar que isso é transfobia ou traição da minha parte e quiser me deletar, tudo bem... a gente já se viu ao vivo mas a gente nunca conversou, talvez você seja ômi. =\

Heloisa: Eduardo, acho que é importante levar em conta que sua particularidade não é universal. Nenhuma particularidade é universal. Universalizar é excluir. Se você se identifica com as estratégias de lidar com as opressões, mas também nota o quanto aqueles grupos são excludentes, talvez seja uma boa abertura para você pensar em como adaptar aquelas estratégias pra outras realidades. Amigue, não se iluda. As feministas radicais NÃO VÃO aceitar sua integração, mas você pode usar as estratégias com uma metodologia de consciência de oposição diferencial. Eu acho péssimo dar referências

bibliográficas, mas não me sinto legitimada pra aprofundar esse debate, de forma que sugiro a leitura de Chela Sandoval, *Methodology of the oppressed*. Ela fala, justamente, sobre como criar pontos comuns em diferentes inquietações.

Eu: Acabei de conseguir baixar um PDF do “Methodology of the Oppressed”, e tou lendo. A introdução da Angela Davis é ótima. Obrigado!

Confesso que quando eu li a sua frase “As feministas radicais NÃO VÃO aceitar sua integração” a primeira coisa que eu pensei foi: vish, a Heloísa é uma pessoa gregária, e eu não - acho que nós temos noções *completamente* diferentes de “pertencimento”, como é que eu explico qual é a minha?... Mas logo depois vi que eu não conseguiria explicar de improviso - então vou pôr isso na pilha das coisas que eu algum dia quero esclarecer...

Eu fiquei de tentar esclarecer qual é a minha noção de “pertencimento”. Talvez um resumo curto funcione melhor do que algo bem detalhado; lá vai.

O único “grupo” ao qual eu já pertenci de verdade foi o movimento Free Software. As pessoas não costumavam se encontrar ao vivo, e isso era *bom*. As discussões eram praticamente todas em mailing lists públicas, nas quais ninguém respondia na hora¹³ - a gente sempre gastava algumas horas, ou um dia ou dois, pensando na nossa resposta, e depois escrevendo-a e revisando-a, antes de mandá-la. A nossa *reputação* era feita principalmente pela qualidade do que a gente escrevia - mensagens e software - que era o que alguém encontraria pesquisando pelo nosso nome nas ferramentas de busca da época.

Eu - e acho que a maior parte das outras pessoas - íamos parar no movimento do Free Software porque a gente queria aprender a programar, e a gente queria aprender a programar porque nós queríamos virar fodões em algo que nos era acessível, e nós éramos uns nerds socialmente ineptos. Aos pouquinhos a gente aprendia a usar os programas que já existiam e a fazer os nossos; aprendíamos a fazer boas perguntas¹⁴ e a responder as dos outros; líamos coisas que os outros recomendavam e recomendávamos as melhores coisas que conhecíamos; *aprendíamos a criar nossas homepages e a disponibilizar nossas coisas lá* - e neste processo passávamos de “girinos”, que mal sabiam fazer uma pergunta, para *pessoas públicas*... nós nos *empoderávamos*, e o que

¹³<http://angg.twu.net/e/facebook.e.html#rushkoff>

¹⁴<http://www.catb.org/esr/faqs/smart-questions.html>

produzíamos e disponibilizávamos ajudava as próximas pessoas a poderem aprender e se empoderar mais rápido ainda.

“Pertencer” ao movimento Free Software queria dizer acessar o material já produzido e produzir o nosso. O foco era *produção*, e o empoderamento era consequência. Matar tempo com outras pessoas do movimento, ir pro bar falar besteira, fazer as piadas certas, etc, tudo isto era irrelevante.

“Ficar com cara de tacho na mesa do bar” tem sido uma das minhas expressões preferidas pra descrever o estado de mutismo, paralisia e medo no qual eu ficava em muitas situações sociais, e do qual eu tento sair.

Se eu leio textos de feministas radicais, produzo a partir deles, e eles me empoderam, no sentido de que eles me ajudam a virar uma “pessoa pública” que fala e se posiciona ao invés de ficar muda e paralisada, então eu estou “pertencendo” ao mundo das (idéias das) feministas radicais no mesmo sentido em que “pertencia” ao movimento Free Software. Nunca me ocorreu a idéia de ir tomar cerveja com as feministas radicais ou pedir pra ser aceito nos mesmos espaços físicos que elas...

7 Inglês

Quando a gente cita um livro em Inglês é comum as pessoas ficarem putas da vida, acharem a gente metido e dizerem que ninguém é obrigado a saber Inglês.

“Ninguém é obrigado a saber Inglês” é uma fórmula curta que todo mundo entende. Ela tem pressupostos subentendidos que são considerados “óbvios” - uma noção de hierarquia, privilégios, e de “elite” versus “pessoas comuns”.

Eu adoraria conseguir fórmulas curtas, *inteligíveis*, que expressassem problemas meus - por exemplo: “ninguém é obrigado a saber conversar no bar”, “ninguém é obrigado a saber beber cerveja”, “ninguém é obrigado a saber dar pinta”, “ninguém é obrigado a saber lidar com machistas”, “ninguém é obrigado a saber lidar com seu corpo e seus desejos”, “ninguém é obrigado a ter vida afetiva/sexual”, etc.

Ler muito, aprender Inglês, treinar até saber escrever bem, etc, são coisas que não dependem só de oportunidades e estrutura familiar - dependem de um *investimento de energia* enorme que faz muito mais sentido quando as coisas de pessoas “normais”, como brincar na rua quando a gente é criança e namorar quando a gente é mais velho, nos são muito difíceis.

8 Reinventar a roda

Um conhecido que dá aula numa universidade do Nordeste pediu pra conversar comigo por chat sobre a situação onde ele trabalha - que é parecida com a que me motivou a escrever o “Saia do seu quadradinho”¹⁵ - e nós conversamos uma hora ou duas. Tem várias coisas absurdas acontecendo lá, e quem tenta denunciá-las sofre retaliações. Além disso, praticamente todo mundo ridiculariza quem tenta fazer algo, dizendo “não vai dar em nada”. Esse meu conhecido contou que estava pensando em criar um grupo na internet pra discutir como as pessoas podem denunciar coisas de modos mais eficazes e com mais segurança, e quando ele contou isso eu automaticamente me imaginei no lugar de uma pessoa convidada pra fazer parte do grupo, que se pergunta: “será que eu quero fazer parte disso? Será que eu quero investir tempo e energia nesse grupo?”... e eu me vi respondendo “*não*”, e o grande motivo era a sensação de que as pessoas do grupo estavam tentando reinventar a roda, redescobrimdo tudo sozinhas, ao invés de lerem e compartilharem uma quantidade colossal de textos de ativistas que estão disponíveis por aí...

9 “Aqui se pensa bem”

Às vezes a gente se engaja numa causa social que não é a nossa porque a gente quer salvar o mundo um pouquinho - e porque a gente está de saco cheio de estar cercado de injustiças e não poder sequer pensar sobre elas sem ser ridicularizado e as pessoas dizerem “não adianta nada”. Às vezes a gente escolhe uma causa porque ela é a mais gritante e mais urgente, e algo fez com que ela virasse notícia nos últimos dias. Mas eu tenho a sensação de que o que mais faz com que a gente permaneça numa causa e num grupo é a sensação de que “aqui se pensa *bem*”: “aqui eu consigo ferramentas pra nunca mais viver cercado de gente que me ridiculariza e me manda parar de pensar”. Ou seja, a gente se liga a uma causa meio porque a causa é importante em si, e meio porque a gente cresce, e “se empodera”, se envolvendo com ela.

¹⁵<http://angg.twu.net/quadradinho.html>

Corpo

10 Aspecto físico

Eu tou em tratamento hormonal há 9 meses. Meu corpo tá mudando, e meu cabelo também, mas ainda não mudaram o suficiente.

Às vezes alguma pessoa “muito trans” reclama de mim porque me acha “pouco trans” - porque eu ainda não visto roupas femininas nem maquiagem, nem peço pra me tratarem no feminino, e daí não soffro discriminação nem transfobia.

Eu ficava me perguntando o que é “ser mulher” pra essas pessoas “muito trans” que me estranham... mas agora acho que hoje em dia tenho perguntas bem melhores do que “o que é ser mulher pra você?” - tipo: “quando é que você viu que continuar a ser, ou parecer, cis, era insuportável? Era insuportável porquê, de que jeito?...”

Eu andei escrevendo sobre os meus motivos pra transicionar¹⁶. O aspecto físico era algo secundário pra mim, o central era eu poder sinalizar que eu tinha tentado fazer algum tipo de “papel de homem” durante décadas, de muitos jeitos, e sempre tinha dado muito errado, e agora foda-se tudo, esse negócio de “homem” é uma farsa que eu não aguento mais.

O central pra mim é que eu funciono de um jeito completamente diferente do “lavou, tá novo”.

Quanto ao aspecto físico - as mudanças - pôxa, deixa eu lidar com isso com mais tempo. Eu passei a minha vida “de homem” mal conseguindo me olhar no espelho, e aproveitando que eu podia ser bem largado. Por enquanto ainda é prático eu ficar mais ou menos invisível.

11 E aí, comeu?

Às vezes eu tentava contar sobre alguém por quem eu tinha ficado encantado, e conversado durante horas sobre coisas quase inimagináveis, pra amigos meus que só ficavam perguntando: “e aí, comeu?”

Tem assuntos que impedem outros. A obsessão das pessoas por sexo fez com que eu tivesse que procurar os nichos - raríssimos - onde estavam as pessoas que, como eu, tinham carências emocionais muito maiores do que as carências sexuais. Nesses nichos a gente conversava sobre pessoas e relacionamentos, quase nunca sobre sexo.

Em julho/2015 uma amiga-de-amigos fez um post¹⁷ no Facebook que eu achei corajosíssimo, falando de como a coisa que ela mais queria é ter uma

¹⁶<http://angg.twu.net/s-c-r.html>

¹⁷<https://www.facebook.com/sweetestacidgil/posts/1152200968130012>

vida afetiva normal, e como isso acaba sendo difícil para pessoas trans. Eu pedi correndo pra virar amiga dela, e contei que eu tou há meses escrevendo sobre outras coisas mas tentando chegar exatamente aí... só que era como se o termo "vida afetiva" fosse algo tão absurdo de mencionar, tão ininteligível, que eu tivesse que preparar o caminho falando de centenas de outras coisas antes.

Outras pessoas trans que eu conheço têm postado no Facebook sobre cantadas absurdas que elas levam tanto "no mundo real" quanto online, e os foras que elas dão nos caras, e as grosserias que elas recebem de volta.

Fiquei pensando sobre como a gente *constrói relacionamentos*. Muita gente que eu conheço começa por tesão e sexo, e daí *algumas* relações com alguém com quem transar era ótimo depois viram algo mais duradouro e mais profundo.

Durante décadas eu tentei conversar como a minha mãe sobre como eu tentava sinalizar certas coisas claramente pra poder encontrar pessoas compatíveis comigo e a gente começar relações com as bases certas. Ela não entendia - ela achava que eu estava complicando tudo, que relações aconteciam naturalmente, era só a gente deixar acontecer sem racionalizar demais. Aí, tentando ver isso como um conselho, eu tentava não pensar, e apagar os traços do que eu já tinha pensado de um jeito parecido com apagar os "pensamentos de viado" pra nunca nem lembrar que eu já tinha pensado eles.

Hoje em dia eu acho que quase todas as relações que acontecem "naturalmente" vão ter uma bagagem enorme de padrões sociais - a gente vai ser assombrado pelos padrões de sexo e beleza que a gente vê nas revistas, filmes e TV, e a gente vai ter que lidar com família e amigos dizendo que a gente deveria estar com uma pessoa diferente e do jeito e tal e tal - e a gente não vai ter ferramentas suficientes pra lidar com tudo isso.

Dxô contar uma coisa. Alguns dos meus relacionamentos que me deixaram as lembranças mais preciosas, e que foram com pessoas das quais eu sou muito amigo até hoje, foram sem ou praticamente sem sexo; dois desses foram com pessoas que tinham com seus próprios corpos uma relação mais ou menos tão difícil quanto a que eu tinha com o meu. Cada um de nós era um "porto seguro" um pro outro; nós começamos esses relacionamentos frágeis e arrebatados, e nos reconstruímos juntos.

É praticamente impossível falar sobre esses relacionamentos no Facebook.

12 Blindagem emocional

Outro dia uma amiga postou este texto¹⁸, que tem um termo que eu vou passar a usar: *blindagem emocional*. A blindagem emocional é um elemento importante da *cultura da galinragem* na qual a gente vive - nela uma das coisas que dá mais pontos de valor na hierarquia social é a sua *capacidade de galinhar*, isto é, de pegar alguém (e alguém socialmente aceitável!) rápido, e de nunca ficar solteiro e sem sexo durante muito tempo. A sua capacidade de galinhar mostra pra todo mundo que você é uma pessoa livre, feliz, bem-sucedida, desejável, empreendedora, comunicativa, bem resolvida, etc. É claro que o jeito como se cobra capacidade de galinhar das mulheres é muito mais complicado e cheio de armadilhas que pros homens... qualquer pequeno deslize e elas viram - ta-rááá! - “galinhas”.

Só que não é sobre isso que eu quero falar. Os “double standards” da cultura da galinragem pras mulheres já forma discutidos à beça por aí.

Outros elementos que são básicos pra blindagem emocional e pra galinragem são *descartabilidade* e *intercambiabilidade*. Se um namorado, ou ficante, ou conhecido, ou amigo, diz ou faz uma besteira grande a gente se fecha pra ele - “a fila anda!” - e daqui a pouco a gente põe no lugar uma outra pessoa do “tipo” que a gente gosta.

13 Amigos junkies

Quando eu tinha 12 anos o Carlos apareceu na minha turma. Não lembro se ele só não se dava bem com o outro colégio ou se ele tinha sido expulso mesmo.

O Carlos era mais esquisito que eu e lia tanto ou mais do que eu, mas ele não era nada tímido. Nós viramos melhores amigos. Ele levou um ano pra me convencer a experimentar maconha... mas, bom, o que eu queria era falar dos meus amigos - os “junkies” - que eu conheci através do Carlos.

A gente não queria ser hipócrita como a sociedade em torno de nós. A gente queria encontrar jeitos de ter menos máscaras e menos segredos - mas não era nada fácil. O trabalho era em várias direções: a gente só se tornava capaz de lidar mais abertamente com os nossos próprios segredos à medida que a gente ajudava as outras pessoas com os “segredos” delas.

Esse grupo dos adolescentes junkies-cabeça me marcou por ter sido o primeiro grupo em que eu estive no qual as pessoas eram *muito* éticas - e essa

¹⁸<https://negrasolidao.wordpress.com/2015/07/18/e-preciso-ter-coragem-de-estar-sozinha/>

ética estava sempre em discussão, e em construção.

Algumas questões que volta e meia reapareciam nas nossas discussões me marcaram muito, também. Tipo: e se a gente se apaixonar por uma pessoa socialmente mal vista, que a nossa família e os nossos amigos e conhecidos rejeitam? E: será que a gente já consegue se fascinar pelas pessoas principalmente pelo que elas são por dentro, ou a gente ainda é dominado pelos padrões sociais de beleza? Como podemos não nos fechar pra pessoas incríveis? *E se a gente se apaixonar por um amigo do mesmo sexo?*

Eu tou usando o termo “se apaixonar”, mas a gente ficava imaginando que relações amorosas só valiam a pena se fossem mais do que o que a gente tinha pelos nossos melhores amigos. Relações como as das pessoas que começam a namorar, viram umas patetas e se afastam dos amigos não nos interessavam - aliás, a gente achava que havia algo de muito errado com elas.

Depois eu caí em grupos que funcionavam ao contrário dos meus amigos adolescentes-junkies-cabeça - grupos nos quais era ridículo você se expôr emocionalmente ou você se apegar à pessoa com quem você está ficando ou namorando.

14 Expectativa e rejeição

Eu não entendo mais como as pessoas falam sobre sexo - qdz, como se fosse algo físico.

Expectativa e rejeição são temas muito maiores, e o assunto “sexo” impede que se fale deles.

Quando eu me aproximo de alguém eu tenho expectativas enormes, que eu tento esconder porque me disseram que expectativas assustam as pessoas. Tento dar o melhor de mim pra ter mais chance de no ser rejeitado; e lido com o medo de ser rejeitado *agora*, e com as memórias das rejeições passadas.

15 Lidar com impulsos

A lição mais importante que eu aprendi na minha adolescência é que toda vez que eu me interessasse fisicamente por uma pessoa eu ganharia um “não”.

Às vezes as pessoas tentam descobrir se eu sou gay/hetero/etc me fazendo uma pergunta que pra mim é bizarra: “por quem você sente atração?” Pôxa, qual é a relevância de por quem a gente sente atração quando a distância entre a gente sentir atração e a gente fazer algo é praticamente infinita?

Quando eu era adolescente e me percebia tendo fantasias com os meus melhores amigos isso gerava um segredo, e constrangimento, e medo - e aí

eu tinha que procurar jeitos de conversar sobre isso tudo com esses amigos... porque afinal a graça de ter melhores amigos era a gente ser o mais transparente possível com eles, e a gente volta e meia tentar conversar sobre coisas sobre as quais a gente não fazia idéia de como conversar...

Será que eu era um monstro por ter atração por amigos? Será que eu era alguém que talvez devesse até ser deletado, afastado e denunciado? Ou será que outros amigos sentiam coisas parecidas também? Como eles lidavam com isso pra que não fosse tão grave?

Tesão por *garotas* acabava sendo algo completamente diferente. Havia uma pressão social enorme pra que transformássemos os nossos *impulsos*, mesmo os menores, em *ação*, e os “experts” - estávamos cercados por eles em todo lugar - ficavam nos bombardeando incessantemente com dicas que eram sempre formulinhas de como fazer a pose certa e mandar a mentira certa.

Pra quem que, como eu, queria acima de tudo uma existência menos bruta, menos burra e menos hipócrita, lidar com a atração por amigos - longe das formulinhas e regrinhas! - acabava sendo algo bem mais promissor que tesões heteros.

Um modo bem útil de classificar as pessoas - e repara, gays procuram outros gays pra namorar, homens heteros procuram mulheres, etc; é natural “classificar” as pessoas um pouquinho quando a gente está procurando alguém que se encaixe na gente - é a partir de como elas lidam com seus impulsos, e com o *agora* e o *depois*.

Tem um vídeo bem interessante (link aqui¹⁹), de uma vlogueira que eu geralmente acho sexocêntrica demais, no qual ela fala de como as pessoas que eram esquisitas quando adolescentes ficam diferentes quando adultas das pessoas que eram “normais”, “bonitas” e “desejáveis”; e ela termina o vídeo com vários relatos que ela ouviu de casos em que as pessoas que “sempre foram bonitas” acabam sendo preteridas em entrevistas de emprego porque supõem que elas sejam meio burras, ou que vão distrair os colegas, criar situações sexuais no trabalho, etc. Eu assisti esse vídeo pensando em como cada pessoa lida com seus impulsos; nas minhas fantasias as pessoas que “sempre foram bonitas e desejáveis” têm um modo bem mais direto que as outras de lidar com os seus impulsos - pra elas interesse e atração facilmente viram dar em cima, cantadas, sexo.

Já pras pessoas *muito esquisitas*, como eu, se eu conseguisse que os meus impulsos e desejos não fossem sentidos como inconvenientes, a minha vida

¹⁹<http://www.youtube.com/watch?v=De0IYcIqPOQ>

já ficariam mil vezes melhor... em poucas palavras: se a minha atração por pessoas fosse vista como *elogio*, e nunca como *cantada*.

Outro ponto importante é que eu *não queria sexo*.

Na verdade isso é o melhor resumo em poucas palavras que eu tinha para algo bem mais complicado.

Quando eu andava com os junkies a gente se preparava - ao longo de anos! - pra experimentar coisas incrivelmente fortes, como Ayahuasca e LSD, que a gente sabia que tinha gente que quando tomava não conseguia dar conta da experiência, pirava e nunca mais voltava direito.

A gente sabia que *quase* tudo que a gente veria numa experiência com psicodélicos já estava na nossa cabeça de alguma forma... tem muita coisa que a gente esconde da gente mesmo, e a gente podia se deparar com algumas coisas destas - talvez distorcidas! - e a gente ia ter que passar os meses seguintes lidando com o que a gente viu.

Além disso, não fazia sentido a gente fazer merda - com os outros ou com a gente mesmo - e depois dizer “ah, desculpa, eu tava doidão! Hahaha!”... a gente se preparava pra agir do modo mais reponsável e consequente possível, mesmo que só 10% da nossa cabeça estivesse funcionando de um modo familiar e confiável.

Essa relação que a gente tinha com drogas fortes virou a minha referência pra como eu deveria lidar com sexo. Sexo tinha o poder de mexer com tantas coisas minhas enormes, como expectativas, rejeições e medos, além das memórias que ficam como que guardadas nas tensões corporais, que só fazia sentido fazer com pessoas que soubessem que estavam fazendo algo que podia ser muito grande - as pessoas “normais”, pras quais sexo é “bom”, “natural”, “simples”, “acontece”, eram pessoas que eu tinha que evitar a todo custo.

Acho que o único modo que eu tenho pra definir as pessoas que “são o meu tipo” é falando de modos de lidar com atração, desejo, impulsos... eu sei que eu preciso de pessoas que, como eu, quando sentem tesão por alguém simplesmente deixam passar -

16 Consensual

Eu li este post aqui:²⁰,

“Sexo consensual” é só sexo. Usar este termo dá a entender que existe algo como “sexo não-consensual”, o que não existe. Isso

²⁰<https://www.facebook.com/malenamordekai/posts/10204025786280036>

é estupro. É o que isso precisa ser chamado. Só existe sexo ou estupro. Não ensine às pessoas que estupro é só outro tipo de sexo. São dois eventos estritamente diferentes. Você não diz “nadando respirando” e “nadando sem respirar”, você diz nadando e afogando.

e pensei: essa não é a divisão que importa pra mim - PRA MIM.

Às vezes uma pessoa engana a outra. Ela finge que é confiável e que entende bem as questões da outra, inclusive entende como sexo funciona pra essa outra - e pra essa outra sexo é uma coisa enorme, cheia de consequências, exatamente como tomar drogas muito fortes ou fazer piercings complicados, e que só faz sentido numa relação de confiança, com comprometimento, responsabilidade, etc -

Aí essa pessoa come a outra e depois desaparece, banaliza e distorce o que aconteceu, e passa a ser escrota e a sacanear a outra de todos os jeitos possíveis.

Houve consentimento na hora? Sim. Mas os efeitos podem ser *bem* graves - *aconteceu comigo*.

A sensação que me dá quando eu leio algo tipo esse “só existe sexo ou estupro” é que isso é o discurso de um mundo com ênfase demais no aqui e agora, e no qual as pessoas são 100% capazes de entender a linguagem verbal e corporal dos outros rápido.

A divisão que importa pra mim - repito: PRA MIM - é entre “inconsequente” e “atento, reponsável, consequente”. Só que eu nem me atrevo a falar sobre isso, acaba que toda vez que eu tento falar ou escrever sobre isso todas as palavras e expressões que me ocorrem trazem a sensação de que não vão me entender, ou vão me entender errado e até me sacanear, e eu engasgo, entalo.

Aí eu li este outro post²¹ - de alguém que conseguiu falar sobre essas coisas sem engasgar no meio:

Tenho preguiça de cantada. Tenho preguiça de pegação. Tenho preguiça de suruba. Tenho preguiça de gente que quer me comer sem ter a menor curiosidade quanto ao ser humano que eu sou. Tenho preguiça de Tinder. De Happn. De sexo casual. De sexo virtual. De beijo sem contexto. De joguinhos. De aproximação blasé. De ter que fingir que não estou tão interessada. Tenho preguiça de homem que não é super atento ao prazer feminino. De quem é cheio de frescuras e exigências com o corpo. De homem que diz “vamos nos falando”. Tenho preguiça de gente que não

²¹<https://www.facebook.com/mgsaldanha/posts/977069769020948?ref=nf>

gosta de compromisso. De quem confunde compromisso com propriedade. Tenho preguiça de poliamor. Tenho preguiça de “não estou sabendo lidar com isso”. De quem não sabe dizer “não”. De quem fica se autoafirmando sexualmente. De quem não tem coragem de se deixar emocionar. De quem tem discurso libertário e não ousa viver o que diz. De quem acha que é muito longe pra gente ir. De quem acha que estamos indo muito rápido. De quem não liga pra lealdade. De quem não consegue ver o sagrado do outro. De quem não entende o quanto eu sou grata ao feminismo por todas essas preguiças. De quem tem medo de que eu fique sozinha, já que aprendi a estar comigo. De quem caiu no conto do esvaziamento das relações, de quem chama tudo isso de liberdade, de quem não faz questão de ser resistência afetiva no mundo.

“*De fingir que não estou interessada.*” Eu me interessou por pessoas sim, até com frequência, mas às vezes eu acho que não tem mais jeito de uma pessoa me fazer sentir que ela é confiável. Nem se ela jurar por escrito, com sangue, quatro vezes, uma em cada fase da lua diferente. Nem se ela der mil provas diferentes de integridade e sensibilidade. *Talvez* eu consiga confiar, e aí me abrir de novo, com alguém que tenha tantas cicatrizes quanto eu de lutar contra essa merda desse Rio de Janeiro, em que a inconseqüência, o “lavou, tá novo” e o “sexo é bom e gostoso e natural e etc” são tão hegemônicos.

17 Desculpas

Há umas semanas atrás uma amiga minha - que fala sem parar, e que é a pessoa mais masculina com que eu convivo com frequência - chegou na minha casa num ataque de ódio, porque um amigo-de-Facebook e crush dela com quem ela andava conversando horas toda noite só falou com ela um pouquinho na noite anterior, e de manhã ele reapareceu, veio falar com ela, e *se desculpou*.

Ela contava o que tinha acontecido, e a toda hora ela repetia: “ele não *precisava* se desculpar” -

Eu tentei conversar com ela. Tentei falar que o que ela estava dizendo era estranho, que tem diferenças importantes entre “precisar”, “poder” e “querer”, e tentei explicar as conseqüências da gente proibir as pessoas em torno da gente de se desculparem porque a gente vê *insegurança* como *culpa*. Ela ou não entendeu ou não ouviu - ela fala muito e ouve pouco - e depois de, sei lá, meia hora ou uma hora, eu explodi, disse que eu não queria ser cúmplice daquilo, e que ela não *precisava* contar aquilo pra mim, e que eu não *precisava*

ouvir aquilo. Ela ficou meio pasma, mas viu que era sério, pegou as coisas dela e foi embora.

A minha raiva levou horas pra passar, e no processo de lidar com ela eu entendi um montão de coisas. Primeiro (e essa eu já sabia), que eu já fui vítima de uma situação assim - no relacionamento mais importante que eu já tive a pessoa, que no início lidava super bem com vulnerabilidade e insegurança, virou uma outra pessoa, que interpretava qualquer dúvida minha como sinal de que eu estava escondendo algo grave - e eu tenho fobias enormes de cair de novo numa situação dessas. Segundo, que as pessoas em torno de mim lidam com se desculpar de jeitos *muito* diferentes, e tem até algumas²² que não se desculparam de jeito nenhum, porque consideram que se desculpar é coisa de gente inferior. E terceiro, e mais importante, que é que muitas vezes eu emperro com pessoas que eu gosto *porque eu queria me desculpar com elas* - por exemplo, por não ter respondido à altura algum gesto simpático delas, ou por eu ter sumido um tempão - mas eu fico com medo delas se incomodarem com desculpas...

No mundo dos ômis quem manifesta insegurança leva porrada.

Um problema que eu tenho com cariocas é que toda vez que eu concateno cinco pensamentos em sequência eles dizem “ih, o cara, aí, não complica, relaxa”, e eu fico imaginando que muita gente faz algo parecido com quem se desculpa, que se as minhas desculpas têm mais de duas frases e não são dadas com o sorriso casual certo eu vou então eu vou receber uma espécie de “ih, o cara, aí, não complica, relaxa”...

18 Coração

Há uns dois anos atrás eu comecei a escrever fragmentos pra um texto grande sobre como eu acabei lidando com sexo e gênero; ele ia se chamar “sexofóbico como resposta”, e eu escrevi à beça mas não consegui chegar nem perto de terminá-lo... a idéia principal à qual eu queria chegar sempre pedia mais e mais seções preparatórias, e o trabalho começou a parecer infinito.

A obsessão atual com sexo, corpo e partes do corpo, me incomoda, mas eu vi que algumas das coisas mais importantes que essa obsessão nos impede de ver, pensar sobre e discutir, *podem ser localizadas em partes do corpo*.

Eu pretendia citar trechos de livros do Peter Brook - talvez sejam todos do “Ponto de Mutação” - nos quais ele conta de duas viagens da companhia dele na década de 1970, uma pelo interior da África, outra pelo Afeganistão.

²²<http://angg.twu.net/desnevizacao.html>

Na viagem pela África eles se apresentavam em aldeias minúsculas, nas quais muitas vezes ninguém falava Inglês ou Francês, se apresentando sobre um tapete grande, com pouquíssimos adereços ou objetos de cena. Na viagem pelo Afeganistão eles estavam tentando preparar o terreno pra filmar o “Meetings with Remarkable Men”.

O que é preciso pra estabelecer boas relações com pessoas em países distantes, com línguas e costumes muito diferentes? Por “boas relações” eu entendo relações de atenção e gentileza, nem predatórias e nem egoístas... as idéias-chave da resposta são “ser *verdadeiro*” e “*coração aberto*”, que são coisas que eu não consigo nem mencionar em público sem muita, muita preparação.

Nismos

19 Sororidade

Tem definições que são importantes não em si, mas pelo uso que se fará da definição que for escolhida como “certa”. As trans e as feministas ficam brigando, muito, pela definição de “mulher”, que, pelo que eu entendo, determina:

- Quem a gente vai considerar “uma de nós”
- Quem a gente vai considerar oprimida e não opressor
- Quem a gente vai considerar digna de cuidado mesmo que esteja agressiva e surtando
- Quem a gente vai considerar bem-vinda nos nossos grupos

O que acaba sendo resumido - porque as pessoas precisam de expressões curtas - em:

- Quem a gente vai considerar digna de sororidade.

A briga sobre uso de banheiros - as trans devem poder usar banheiros femininos, que são espaços seguros, ou têm que usar os banheiros masculinos, onde os ômis acham divertido bater e estuprar quem quiserem? - tem ficado bem visível, e ela em geral é traduzida numa outra questão: *quem é mulher?*

Confesso que eu acho que responder “quem pode usar o banheiro feminino” com “quem é mulher, ué!” me parece um tiro no pé - e acho que se a gente pensa em termos de *espaços seguros* e *comportamentos esperados (pra manter aquele espaço seguro)* tudo fica bem mais claro.

20 Limites da sororidade

Num grupo feminista do qual eu participo - ao vivo! - às vezes, teve um dia em que um dos assuntos principais foi uma garota que tinha ido como convidada umas semanas antes, ficou a reunião inteira calada observando, e depois pegou posts, que deveriam ser privados, da “versão Facebook” do grupo, e fez posts públicos ridicularizando-os. Tava todo mundo P* da vida com ela, e ninguém fez nenhuma fala consistente defendendo essa garota e dizendo que coitada, ela foi enganada pelo patriarcado, devemos salvá-la e perdoá-la 100%.

Deixa eu comparar isso com o que acontece em grupos trans. Um tema recorrente neles é: as mulheres trans têm que poder usar os banheiros femininos, mas umas mulheres cis ficam dizendo que claro que não, é absurdo deixar

esses homens vestidos de mulher entrarem nos nossos banheiros, eles querem nos espionar e nos estuprar...

...aí as trans dizem: “esse medo é ridículo, é transfobia”, ignorando que os lésbicos barbados desconstruindo gênero da p.48 são “trans”, ignorando que pra algumas radicais até um olhar masculino inconveniente é “estupro”, e estendendo a “sororidade trans” pra casos demais.

21 Homens podem ser feministas?

Uma pergunta recorrente em grupos feministas é: “homens podem ser feministas?”... É engraçado como muita gente tenta respondê-la como se ela fosse uma pergunta de sim ou não, ao invés de vê-la como uma pergunta-provocação que leva a discussões bem ricas e que só se *disfarça* de pergunta de sim ou não.

Tem muita coisa que a gente só consegue contar pra pessoas com vivências parecidas com as nossas, em situações nas quais a gente vai ser escutado, e em ambientes seguros. Pra mim um ambiente com babacas como o cara da seção 31, que acham ridículo *não sacanear* os outros, é exatamente o oposto de um ambiente seguro.

Outro dia, num chat com uma amiga, eu propus que das próximas vezes ela tentasse descrever com mais detalhes os casos que ela conhece de homens que querem “ser feministas”. Eu consigo imaginar alguns - por exemplo, o cara que quer ser reconhecido como “feminista” pra isso ser um selo de aprovação, um crachá que permita a ele circular por certos ambientes e ser considerado “seguro” e “legal”... mas será que ele vai saber se retirar de espaços que deveriam ser só pra pessoas com certas vivências muito dolorosas e muito diferentes das dele?

22 Ônibus

Achei que este texto²³, postado há poucos dias atrás, poderia ter gerado discussões interessantíssimas - *se a autora tivesse escrito o final dele com mil vezes mais cuidado e lucidez...* ela conta de um dia em que ela estava num ônibus, subiu uma senhora vendendo trufas, e aí o cara sentado do lado dela comprou várias e deu uma pra ela, de um jeito tão simpático e sem esperar nada em troca que ela não teve como não aceitar, e passou o dia feliz. Bom, eu devo ter lido o texto aplicando mais o “Principle of Charity²⁴” do que a

²³<https://www.facebook.com/codpie/posts/10207875283139105>

²⁴<http://philosophy.lander.edu/oriental/charity.html>

maioria das outras pessoas, porque achei que ele podia, e devia, ter gerado uma discussão bem interessante...

É simplista achar que todos os homens são opressores do mesmo jeito e no mesmo grau, que todos os homens se beneficiam do machismo do mesmo jeito e no mesmo grau, que todos os gestos de gentileza masculinos são igualmente perigosos e carregam exatamente as mesmas segundas intenções por trás; e, bom, já que existem homens que compactuam mais com o machismo e outros que compactuam menos, deve ser possível pelo menos *imaginar* homens que combatem o machismo e conversar sobre como eles, aham, “seriam”; e, dentre eles, uns vão ser mais ingênuos e outros menos... e, caramba, eu tenho *certeza* de que os homens não-ingênuos que estão tentando combater o machismo fazem o possível pra manter o coração aberto (seção 18) e pra serem transparentes e verdadeiros sempre que dá, e que eles são atentos aos efeitos de pequenos gestos e atitudes... e imagino que eles às vezes se arrisquem a ser gentis com mulheres cis héteros, que é algo que eu em geral não me atrevo a fazer porque eu fico em pânico só de pensar que podem achar que eu tou cantando alguém.

23 Crédito

Meu pai era sobrevivente de campo de concentração.

Deixa eu copiar aqui um trecho do discurso²⁵ que eu preparei pra cerimônia de homenagem feita 30 dias depois da morte dele.

O meu pai dizia que o Holocausto era tão pior do que qualquer outra coisa que perto dele qualquer outra atrocidade, passada, presente ou futura, perdia a importância. E isso era muito opressor, porque queria dizer que o mundo tinha uma dívida infinita com ele - ele podia fazer qualquer coisa, podia explodir a qualquer hora, pra descarregar coisas que aliás ele nem entendia, e ele seria sempre desculpado. E isso fazia todo o sentido, mas era insuportável.

Eu levei 30 anos pra conseguir lidar abertamente com isso - e foi da seguinte forma: “ele tinha um crédito gigantesco por ter passado pelo que passou. Mas esse crédito não é infinito, e agora, depois de décadas, ele acabou”. E esse corte era algo bem mais pesado do que parece - era algo inadmissível, pra todo mundo. Eu me dispunha a ser considerado um monstro, por ele, pela minha

²⁵<http://angg.twu.net/haz.html>

família, pelos amigos dele, talvez até pelos meus amigos - a gente não se recusa a pagar a nossa dívida com a família - a dívida de cuidar de quem cuidava da gente - impunemente. Então eu não pediria mais ajuda a nenhuma dessas pessoas.

Então essa foi uma das situações na minha vida nas quais eu decidi sacrificar a minha respeitabilidade, todo um grupo grande de contatos, toda uma rede social - a rede de proteção que a gente tem por default quando nasce numa certa classe, com um ou dois dos nossos pais sendo judeus -

Eu ia terminar o discurso olhando nos olhos de todo mundo da platéia e dizendo que agora a gente já tem boas condições pra pensar sobre as atrocidades passadas e as atuais; sobre como fica quem sobrevive a elas; sobre *reação histérica a atrocidades*; sobre tentar esconder memórias dolorosas embaixo do tapete pra gente conseguir fazer cara de que está tudo bem; e *sobre o que a gente pode fazer pra não ser detestado* - mas eu acabei boicotando a cerimônia e não indo nela.

O meu pai “podia” ser grosso, estúpido e paranóico sempre que quisesse - mas, repara, esse “podia” tem vários níveis e vários sentidos possíveis - “vão cuidar dele como de alguém querido que está em desespero”, “as pessoas vão entendê-lo”, “as pessoas vão ajudá-lo”, “ninguém vai ficar magoado com ele ou constrangido pelo que ele fizer”... ou então: “não vai ser demitido do emprego”, “vai ter atenuantes se criar uma briga e for parar na polícia”... ou: “não vai levar reprimendas em público”, “vai ser tolerado”, e “os amigos vão se afastar em silêncio”.

O que acabou acontecendo com ele foi bem próximo de “os amigos vão se afastar em silêncio”.

Quando eu vejo pessoas apontando transfobia, homofobia, racismo, machismo, etc em todo lugar eu penso nisso. Elas *podem* ver transfobia homofobia racismo machismo etc em todo lugar, mas será que o efeito disso é o que elas querem? Elas vão acabar se isolando, e será que vale a pena? Pra mim é importante a gente conquistar aliados, e *bons* aliados...

24 “Que bom, tá saindo tudo”

Um cara chega no homeopata com um furúnculo gigantesco no cotovelo, doendo a beça e saindo pus. O homeopata vê aquilo, abre um sorriso de orelha a orelha, e diz: “que bom, tá saindo tudo!”

Em 26/out/2015 eu anunciei timidamente²⁶ o link pros textos deste zine no grupo Assexuais, dizendo:

Gente,

eu continuo achando que o termo que eu inventei pra me descrever há quase 15 anos atrás - “sexofóbico” - é mais adequado (e mais interessante!!!) do que “demisssexual” ou “assexuado”..

Tou fazendo um zine no qual boa parte dos textos é sobre isso. Talvez interesse...

As reações foram hostis. Pessoas dizendo que o termo “sexofóbico” é ruim porque é pesado, depois algumas falas na linha desta,

O foco do grupo é promover o encontro de pessoas dentro do espectro da assexualidade e desmistificar a ideia de que somos doentes por não gostarmos de sexo. Pra gente não é doença; não estamos doentes. Por isso usar o termo sexofóbico é meio ofensivo na nossa opinião.

e depois duas pessoas me disseram que eu devia tentar fazer terapia... o que me deixou *bem* surpreso! Fiquei pensando em qual era a visão dessas pessoas de “terapia” - e entendi, pela enésima vez, que linhas diferentes de Psicologia têm visões bem diferentes do que é tratamento, o que é doença e o que é saúde. Nas linhas que fazem mais sentido pra mim, quando a gente tem problemas grandes e enraizados demais, *produzir* a partir deles é uma das coisas mais saudáveis que podemos fazer - e é melhor ainda quando a gente produz algo que pode ajudar outras pessoas que têm questões parecidas.

Eu pensei em explicar isso no grupo e dizer que, pôxa, na minha visão quem acha que histórias traumáticas não devem e não podem ser discutidas abertamente é que precisa de terapia. Aliás, estávamos no auge da campanha do #PrimeiroAssédio - mas mesmo assim eu acabei não respondendo nada.

²⁶<https://www.facebook.com/groups/assexuadostambemamam/permalink/683968001738311/>

Homens

25 “Homem de verdade” não existe

Eu tenho lembranças claras de quando eu era pequeno - 6, 7, 8 anos. Praticamente tudo, até os menores gestos, era dividido entre “coisas de homem” e “coisas de mulherzinha/fresco/maricas/viado”, e a gente vivia o tempo todo se testando uns aos outros e tentando passar nos testes e ser “homem de verdade” e não “viado”...

Era um pesadelo, e várias coisas que eu queria e achava legais eram “coisa de viado”. Isso me deixava muito grilado, e eu tentava conversar sobre isso com a minha mãe e o meu analista (é, porque eu era patologicamente tímido e a minha mãe era psicanalista, então ela me pôs pra fazer análise muito cedo). Os dois diziam:

“Homem de verdade” não existe, e você não é viado.

Acho que foi daí - de muitos anos de conversas frustrantes com a minha mãe e com esse psicanalista farofa - que eu aprendi que termos como “homem”, “mulher” e “viado” têm muitos significados; que pra dialogar sobre eles com alguém a gente tem que entender quais desses significados a outra pessoa usa; e que algumas pessoas, como a minha mãe e o farofa, acham que esses termos são universais e querem dizer exatamente o significado que eles têm na cabeça naquele momento...

Eu aprendi também que essas pessoas que acreditam no um significado só são loucas e deveriam ser evitadas; e aprendi também que elas são numerosas demais e estão perto de mim em lugares demais, e evitá-las é impossível.

26 Coisa de viado

Tinha muitos tipos de pensamentos que eram “coisa de viado”. Os “homens de verdade” *nunca* pensavam aquelas coisas. Só que eram tantos tipos de pensamentos que eram “coisa de viado” que eu não acreditava que os “homens de verdade” nunca tivessem pensado nenhum deles.

O tom do modo como os homens falavam tinha certezas demais.

Eu fui chegando à conclusão de que os “homens de verdade” apagavam as memórias de terem pensado cada coisa que não deviam. Quando eles diziam que nunca tinham pensado as coisas proibidas isso não era exatamente uma mentira - eles acreditavam totalmente. Eles viviam com muito poucas memórias, porque eles viviam num eterno presente - sem memórias, e sem interior.

Essa sacação me fez entender um princípio básico do masculino: o “lavou, tá novo”. Nada se fixa: a cicatriz de um machucado desaparece no dia seguinte,

a dor de um chute na canela passa em segundos, uma brincadeira babaca de um coleguinha daqui a dois minutos a gente já esqueceu. Por trás disso tem a idéia de que a gente está sempre se treinando pra ficar cada vez mais fortes - e a gente sacaneia nossos amigos “de brincadeira” não só porque “é engraçado”, mas também porque quem é sacaneado ri em triunfo quando vê que é já é forte o suficiente, e a sacanagem não doeu.

27 Mentira, inferno, mistério

O mundo masculino - pra mim - era uma *mentira*, porque era baseado na gente estar sempre esquecendo coisas, fingindo que nada doeu e fingindo que a gente gostava exatamente das coisas certas, um *inferno*, porque a gente vivia em pânico e não podia baixar a guarda um segundo, e um *mistério*, porque eu não conseguia entender como os meninos e os homens adultos conseguiam ter caras mais ou menos felizes vivendo daquele jeito.

Eu comecei a pensar muito sobre “homens” e “mulheres” e “masculino” e “feminino” desde bem pequeno, porque eu precisava pensar em termos de *jeitos de funcionar*. As “mulheres” eram verdadeiras, podiam prestar atenção nas coisas, e o modo delas de conversarem incluía perceber como a outra pessoa funcionava, e aí criar situações confortáveis nas quais a gente pudesse até lidar com cuidado com coisas que doíam, como segredos. Eu queria poder ser mais ou menos daquele jeito quando eu crescesse, mas eu não conseguia visualizar bem como... por eu ser homem eu tinha que manter uma casca de dureza, que não parecia compatível.

Quando eu era pequeno eu era um mini-nerd, e eu gostava muito de ciência, talvez pra copiar o meu pai, que era engenheiro. Aí eu achava que se eu fosse cientista, inventor e gênio eu seria livre (num futuro distante).

Quando eu era adolescente eu já não dava mais bola pra ciência - os caras que eu achava os fodões mesmo eram artistas, principalmente diretores de cinema e escritores. Eu queria - ou *precisava* - virar uma pessoa incrivelmente interessante quando eu crescesse, pra eu poder ser amigo dos Mishimas e Fassbinders²⁷.

28 Máfias

Há muitos anos atrás eu assisti um filme sobre máfia que me marcou muito. Eu adoraria saber o nome dele.

²⁷<http://angg.twu.net/s-c-r.html#querelle>

Um dos personagens é um adolescente que vive rondando seus dois amigos que já são da máfia, esperando que eles o convidem pra entrar pra máfia também. Um dia esses dois amigos levam ele pra um porão pra um “teste”, que ele só vai entender direito quando chegar lá. Quando ele chega nesse porão tem um cara amordaçado acorrentado a uma parede que ele vai ter que torturar e matar.

Eu sempre vi o mundo masculino em torno de mim como uma máfia, uma rede de relações baseada em cada um acobertar as escrotices dos outros. Torturar os caras acorrentados no porão era um ritual de pertencimento. Aprender a fazer coisas que antes te dariam engulhos sem se incomodar, e aprender a gostar delas, era confundido com coragem.

A Julia Serano conta²⁸ que antes dela começar a TH, na “fase testosterona” dela, era como se as emoções dela estivessem sempre no fundo do palco, e era fácil fazer com que uma cortina descesse sobre elas e as tornasse praticamente imperceptíveis e irreais - ela quase sempre podia fazer isto num estalar de dedos. Depois da TH, na “fase estrogênio”, as emoções não se tornaram nem maiores nem dominantes, só *mais nítidas*.

29 Sessão Coruja

Eu tentava encontrar *alguma* noção de homem que me fizesse sentido, e que eu pudesse tentar ser. Eu lia muito, a TV Globo às vezes passava coisas incríveis - como filmes do Sam Peckinpah - de madrugada, o Cineclubes Estação Botafogo abriu quando eu tinha 13 anos, e tinha outras cinematecas na cidade - então eu tinha muitas referências estrangeiras pra usar.

O melhor que eu consegui foi uma noção de “homem” como alguém plenamente responsável pelas consequências do que faz, com a obrigação de entender como pessoas bem diferentes de mim poderiam ser afetadas pelo que eu fazia, e com coragem pra peitar os meus próprios colegas sempre que necessário... só que aos poucos eu vi que essa noção de “homem” não tinha *nada* a ver com as das pessoas em torno de mim.

Lá pelos 24 ou 25 anos, quando eu desisti de vez de ser “homem” em qualquer sentido que fosse, a minha atitude passou a ser “eu não vou mais ser cúmplice desses caras em nenhum sentido, eu quero é que eles se fodam”. E se eu precisasse me explicar eu diria: *todos os homens que eu já conheci são burros e covardes*.

²⁸“Whipping Girl: A Transsexual Woman on Sexism and the Scapegoating of Femininity”, cap.4

30 Marta e iniciativa

As mulheres “dão mole”.

Os homens “tomam a iniciativa”.

As mulheres dizem “não” (e riem).

Os homens “insistem”.

Isso era uma das coisas nas quais eu não conseguia fazer “papel de homem” de jeito nenhum, e aí eu me ferrava. Essa, em particular, foi uma das coisas que mais me deixou suicida quando eu tinha 17 anos. Eu era apaixonado pela minha melhor amiga, a Marta, e ela ficava me provocando, me dando mole, me cobrando que eu “tomasse a iniciativa”, e toda vez que eu tentava ela me dava uma patada, sinalizando que a minha iniciativa não tinha sido boa o suficiente, que eu não tinha segurança, desejo e impulsividade suficientes, e que eu tentasse outra vez.

A Marta era grande, forte e poderosa. Eu era magrelo, frágil, encurvado pra frente, tímido e excessivamente cerebral. Às vezes a gente ia na Mariuzinn de Copacabana, que era a uns 10 quarteirões da casa dela, e quando a gente entrava na pista de dança ela num instante virava o centro das atenções, dançando com todo mundo ao mesmo tempo. *Eu queria ser como ela quando eu crescesse.*

Categorias

31 As distinções certas

Quando eu era pequeno eu dividia as pessoas entre “homens” e “mulheres” do jeito óbvio. Quando eu passei a ter muitos conflitos com os “homens de verdade” eu passei a dividir as pessoas entre os “homens” (que eram péssimos), as “mulheres” (que eram boas ou neutras), e as “pessoas” (que não seguiam papéis de gênero aprisionantes, e eram *bem* melhores). Mas nos últimos anos tudo ficou confuso; às vezes decidir quem era “homem” ou “mulher” só servia pra tentar encontrar os pronomes certos... eu não conseguia fazer as noções que eram intuitivas pra mim dialogarem com a miríade de rótulos que se usam hoje em dia - e, óbvio, isso tornava a minha transição bem complicada. Eu estava querendo deixar de “ser” o quê, pra me tornar o “quê”?

Tem um trecho²⁹ d’“O Zen e a Arte da Manutenção de Motocicletas” que me marcou muito, que é sobre encontrar os conceitos certos, que nos permitem fazer as distinções certas, e daí ver as coisas com clareza - sem as confusões de antes - e aí encontrar o melhor modo de agir.

O conceito que me parece realmente útil agora, e que todo mundo entende, é o de “Ômi”. “Ômis” e “humanos” - ainda não há um termo para o oposto de “ômi” em uso corrente, então deixa eu improvisar e usar “humano” - têm modos de funcionar completamente diferentes e incompatíveis, e valores e códigos éticos incompatíveis também. Deixa eu citar um texto escrito por um ômi (fontes: aqui³⁰ e aqui³¹), que eu acho especialmente revelador:

SOBRE AMIZADES E POLÍTICA: Percebi pela Análise Sociográfica das Redes Sociais como que a forma como nós, reacionários direitistas trogloditas conservadores do mal nos tratamos é... legal pra caralho! Um posta uma coisa, outro xinga de corno pelo gosto musical ser uma bosta, chamamos respondemos com considerações sobre as preferências sexuais do primeiro, rola uma zoada com a mãe, aí um terceiro manda beijo irônico, todos mandamos um ao outro tomar no cu e termina sempre com umas indiretas sobre o Morgen escrever demais.

Sabe por quê? Porque nós somos amigos pra caralho, porra!

E a função social de um amigo é te zoar em público antes que outras pessoas o façam. É por isso que provas são tão difíceis, que o treinamento no Exército é barra pesada e também por isso que inventaram palavras.

²⁹<http://angg.twu.net/zamm-13.html#cleavage>

³⁰<http://angg.twu.net/2013-assedios.html#morgenstern>

³¹<http://www.facebook.com/flaviom/posts/10200983707944809>

Aí você vê o pessoal de esquerda. E é tudo um fru-fru mongu, um teatrinho de lambeções sem ofender a hipersensibilidade alheia, um troca-troca de vaidades que faria a corte de Luiz XIV parecer a Banheira do Gugu.

Todo mundo se chama de “companheiro” (você precisa chamar seus amigos de “amigos”, ou só fala: “Chega aí, bichona?”), todo mundo respeita o gosto musical um do outro (ABSURDO DOS ABSURDOS, isso não pode acontecer nunca entre 2 seres humanos adultos, conscientes e vacinados!!), nunca se vê uma ironia, uma tirada escrota, um cutucação que doeria no ego caso você não tivesse motivo pra ter um, uma piada ofensiva em público, uma inocente virulência preconceituosa com alguma deficiência ou estigma social de alguém por algum motivo... “Hey, camarada, você saiu muito bonita na foto, embora talvez tenha preferências por outras mulheres e devo respeitar sua opção sexual que você escolheu conscientemente e não devo ter opiniões sobre sua sexualidade”... chama logo de GOSTOSA, seu baiacu!

E você percebe que é tudo uma falsidade do caralho, que eles precisam sempre dessa masturbação mútua coletiva só para acreditarem que são MESMO interessantes, já que os membros do mesmo grupinho são também interessantes, conscientes, livres de preconceito, politicamente corretos, progressistas, chatos que só um livro do Gabriel Chalita e o cúmulo do progresso humano sem nunca precisar ler sequer as orelhas de Karl Popper.

Putá merda, um mundo em que não podemos xingar os próprios amigos?! Fora a linha leste do trem em horário de pico, poucas coisas parecem tanto a definição de inferno quanto esse moralismo ridículo em que cada pensamento impuro precisa ser engolido, silenciado e guardado para se pedir perdão no fim do dia.

Sou reaçã porque sou legal pra caralho.

Quando eu fui saindo dos meios masculinos porque eu nem conseguia compactuar³² com o que acontecia neles eu não via “homens” e “mulheres” simplesmente como grupos que lidavam diferente com sexualidade - tipo: quem penetra e quem é penetrado, quem toma a iniciativa e quem não - e com roupas, aparência, enfeites e trejeitos; isso era ínfimo. O que era mais importante pra mim era que eu via “homens” e “mulheres” como modos diferentes de ver

³²<http://angg.twu.net/historia-de-T.html>

o mundo, com códigos de valores, de ética e de comportamento diferentes e muitas vezes incompatíveis. Por exemplo, praticamente todo mundo vai reconhecer o tipo de babaquice do cara acima como algo tipicamente masculino... né? Certos tipos de comportamento são *obrigatórios* ou *tolerados* em meios masculinos e *inadmissíveis* em meios femininos; outros são o contrário.

32 “Engenheiros”

Na geração dos meus pais, principalmente entre galeras como a da minha mãe, a expressão “cabeça de engenheiro” era bastante usada, e tinha um significado preciso - um tipo muito específico de arrogância e tacanhez.

O meu pai era engenheiro (e ogro³³), e ele ficava muito puto quando ele via que eu e a minha mãe estávamos usando a expressão “engenheiros” na nossa conversa. Ele se metia, dizia que fulano era legal e era engenheiro, beltrano idem, então a gente não podia falar mal de engenheiros, a gente não podia generalizar.

Eu levei anos pra conseguir uma primeira resposta razoável pra isso. Eu dizia que o Heidegger e o Günther Grass eram legais e tinham sido nazistas, então ele não podia falar mal dos nazistas, ele não podia generalizar.

Tempos depois eu encontrei uma outra resposta muito melhor, e que não era uma provocação.

Falar “OS engenheiros” e falar “TODOS os engenheiros” são coisas completamente diferentes. Se eu digo “TODOS os engenheiros são do jeito tal” e a pessoa com quem eu tou falando me dá um exemplo de *um* engenheiro que não é desse jeito tal, então pronto, ela ganhou: o que eu estava tentando afirmar não vale mais. Mais se eu digo que “OS os engenheiros são do jeito tal” eu estou usando implicitamente a minha noção do que é um engenheiro “típico” - que comporta exceções - e tentando ver se ela bate com a do meu interlocutor...

33 Hombres y Machos

Tem um livro interessantíssimo, que eu comprei na liquidação da Leonardo da Vinci³⁴, chamado “Hombres y Machos - Masculinity and Latino Culture³⁵”.

³³<http://angg.twu.net/haz.html>

³⁴<http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-107/anais-da-vida-literaria/cerimonia-do-adeus>

³⁵<http://www.amazon.com/Hombres-Machos-Masculinity-Latino-Culture/dp/0813331978>

O autor, Alfredo Mirandé, é um sociólogo/antropólogo/etnólogo que trabalha nos Estados Unidos e é de origem mexicana, e ele começa o livro contando umas histórias da família dele pra introduzir a idéia de que as referências de “homem de verdade” no México são diferentes das anglo-saxãs - e, além disso, são diferentes dos *estereótipos* que os anglo-saxões têm do que são “homens” e “machos” para os latinos.

Repara, só nisso já aparecem várias idéias diferentes de “homem”... e o livro começa com várias histórias - umas da família dele ou de conhecidos, outras de filmes e livros de ficção, outras de outros estudos de ciências sociais - das quais ele tira elementos pra tentar caracterizar o que mexicanos de várias classes, idades, lugares, níveis de renda, etc, entendem por *hombre* e por *macho*; daí ele desenvolve uma metodologia, prepara uma pesquisa, realiza montes de entrevistas, organiza os dados que obteve, e apresenta conclusões.

Eu adoraria ter as ferramentas de Ciência Sociais que esse cara tem pra eu poder organizar e contar “do jeito certo” muitas coisas que eu vivi e observei sem que me digam que eu estou fazendo generalizações idiotas. Por exemplo, no meio em que eu cresci o modo de falar masculino incluía uma *obrigação de ridicularizar* que quando eu comecei a andar com mulheres eu vi que entre elas era bem menor.

Um ponto importante: a gente dificilmente vai chegar ao ponto de poder fazer uma pesquisa de campo com muitas entrevistas, como o Mirandé fez, mas a fase anterior, de procurar literatura e coletar elementos em discursos tanto reais quanto ficcionais, a gente pode fazer com pouquíssimos recursos; e tem uma “fase zero”, que consiste na gente coletar e organizar as idéias e discursos de gênero *que já estão na nossa cabeça*, que não exige recurso externo nenhum, e que acho que todo mundo interessado em gênero deveria fazer... e depois que a gente organizou isso com um mínimo de honestidade e cuidado a gente consegue conversar com colegas (mini-pesquisa!) sem ser considerado chato.

34 Falar mal

Às vezes falar mal dos outros é um modo da gente ir esclarecendo como a gente não quer ser.

Um dos meus assuntos preferidos desde que eu tenho, sei lá, 16 ou 17 anos, era falar mal dos homens (e das pessoas “normais”³⁶) - mas esse assunto correspondia a um problema prático, que era: se a gente não queria ser como os “homens” e as “pessoas normais”, que tinham pontos cegos enormes e eram

³⁶<http://angg.twu.net/haz.html>

burras, estúpidas e hipócritas, *qual era a alternativa?* Como a gente podia construir pra gente um modo de funcionar bem melhor?

35 PUC

Eu comecei fazendo umas matérias de Matemática na PUC-Rio como ouvinte num tempo em que eu era um outsider total, aí me identifiquei com o curso e com as pessoas, e me transferi pra lá.

Depois de alguns anos os meus colegas começaram a ficar amigos de estudantes de Engenharia e a tentar grudar neles absorvendo os seus valores - o que foi um inferno pra mim, porque esse pessoal da Engenharia tinha uma hierarquia social muito rígida, na qual os seus pontos vinham basicamente de 1) você ser popular e descolado e galinhar bem, 2) você ter excelentes notas, 3) você ter o perfil do estagiário perfeito, que vai ser aprovado em todos os processos de seleção e entrevistas.

Eu cheguei a namorar uma pessoa desse grupo, a Paula Engenheira... mas quando ela contou pras amigas que gostava de mim ela ouviu coisas como “Paula, aquele Daniel que você namorava já era o fundo do poço, mas esse Eduardo é pior ainda”.

Todo mundo acha preconceito uma coisa abominável, mas eu vejo um contínuo entre preconceito, que é péssimo, e uma outra coisa que eu chamava de “preconceito operacional”, que todo mundo faz, e que é humana e ok. O meu “preconceito operacional” contra engenheiros funciona da seguinte forma: “deve ter gente legal no meio deles sim, mas no geral eles nem enxergam as coisas que eu valorizo e lidam com naturalidade com coisas que eu considero intoleráveis. Eu preciso de amigos - mas não vou mais investir nenhuma energia nesse pessoal porque é roubada, vou procurar amigos em outros lugares”.

(A minha engenheirofobia é parecida com a minha heterofobia. Heterofobia “existe”, mas heterofobia e homofobia são coisas de naturezas muito diferentes.)

Transfeminismo



Uma discussão no grupo “Transfeminismo <3”.
Post inicial, depois meus três comentários.

De: Virginia

Em: 1º/maio/2015 21:41

Meninas, queria ajuda pra opinar num tema tão delicado. Achei o texto BEM TRANSFÓBICO, os conceitos de identidade de gênero e a questão da “mulher materialmente” (CIS). É bem bizarro, mesmo assim, o debate sobre estupro corretivo é foda e não pode ser silenciado tbm....

O Queer promove estupro corretivo de lésbicas³⁷

De: Eu

Em: 2/maio/2015 05:32

Eu sempre leio esses textos de TERFs com uma certa curiosidade... e só agora, depois de pensar horas nesse aí enquanto eu rolava na cama, acho que entendi o porquê.

A autora dele fala de certas coisas irracionais como se fossem perfeitamente racionais e razoáveis. A gente sabe que coisas são essas - são “deslizamentos”, como a Bia explica super bem neste texto aqui,

<http://transfeminismo.com/o-banheiro-e-a-ideologia/>

entre “pênis”, “estuprador em potencial”, “estuprador”, “estupro corretivo”, etc.

As afirmações do texto são delirantes e até nocivas pra outra pessoas; disto a gente está careca de saber e de dizer. Deixa eu falar sobre OUTRA coisa.

A autora tem uma segurança pra falar dessas coisas que tem um quê de invejável. Tenho lido ultimamente um monte de textos de pessoas que tiveram problemas de auto-aceitação enormes, mas que agora escrevem coisas como “eu sou gorda e negra, mas agora eu tenho orgulho disso, eu sou foda, e eu me amo”. Esse tom, que eu chamo de “empoderado”, dialoga bem com os discursos de certeza que a gente vê por aí em todo lugar - em muitos meios a coisa mais importante pra você ser ouvida é você ter __muita__ segurança do que está dizendo.

Bom, deixa eu copiar aqui um trecho de uma das minhas primeiras mensagens de saída do armário. Ela ficou super bem escrita, e não vale a pena eu tentar parafraseá-la ao invés de copiar do original.

“No início, quando eu era pequeno, eu achava só que eu tinha dado azar. As meninas podiam fazer tudo de legal e podiam pensar e conversar sobre o que queriam e serem sinceras; já os meninos tinham que ficar fingindo o

³⁷<https://milfwtf.wordpress.com/2015/04/28/o-queer-promove-estupro-corretivo-de-lesbicas/>

tempo todo que gostavam de um monte de coisas idiotas só pra provarem pros outros que eles eram machos, e ficar fazendo papel de macho era algo tão infernal que a gente vivia explodindo de frustração e raiva... aí o que eu entendia era que os outros meninos descarregavam essa raiva se sacaneando e se batendo, e eles ficavam tão ocupados com isso que eles não tinham tempo pra pensar nada de diferente... e como eu era magro e fraco e tinha defeitos de personalidade eu não conseguia me encaixar e aí eu ficava só vendo tudo como se eu estivesse de fora... e eu tinha a impressão - aliás, a “esperança”! - de que se eu me esforçasse MUITO e virasse uma pessoa muito interessante quando eu crescesse eu acabaria encontrando as outras pessoas que também sabiam que o mundo masculino era uma farsa, e teriam construído jeitos de viver fora dessa farsa...”

Então, voltando ao texto da TERF... o que ele tem que é um pouquinho invejável é que a autora consegue falar de assuntos que são gatilho pra ela - e “pênis” é mega-gatilho pra ela - sem engasgar no meio de cada frase pela certeza de que não só não vai ser entendida como vai ser patologizada.

Quantos assuntos a gente tem, principalmente sobre motivos que nos levaram à transição, e fobias e gatilhos que permanecem mesmo depois da transição, que a gente mal se atreve a conversar com meia dúzia de pessoas mais próximas?

O tom da TERF autora do texto pra mim é um tom masculino, pelo excesso de afirmações e pela falta de auto-crítica =(... mas eu fiquei imaginando, nesse tempo em que eu fiquei rolando na cama e pensando depois de ler o texto dela, o quanto pode ser empoderador pras mulheres irem em encontros de RADs cheios de TERFs e poderem falar livremente sobre coisas que em outros espaços pareceriam paranóias, e serem ouvidas.

Na verdade acho que o principal motivo de eu pensar tudo isso é que eu tenho tido super poucas oportunidades de encontrar outras pessoas trans ao vivo, e algumas coisas que eu tenho lido de ativistas trans - por exemplo isto (principalmente os comentários):

<https://www.facebook.com/andreigiu/posts/1559902204276071>

me dão uma nóia de que em eventos trans eu talvez acabasse ficando à margem num canto sem conseguir me expôr ou puxar papo com quase ninguém, porque a minha vivência é bem diferente dos relatos que eu vejo... eu comecei a TH muito tarde, e antes disso eu vivi meio invisível, tentando fazer com que aparência física, namoros, sexo, etc, ficassem bem em segundo plano na minha vida - eu pensaria direito nessas coisas quando eu crescesse... então, sei lá, vai que os espaços trans estão ocupados só pelas pessoas que tem questões “externas”, as pessoas que o tempo todo põem a cara no sol e levam porrada, e elas não têm mais questão “interna” nenhuma?...

De: Eu

Em: 2/maio/2015 05:32

Tudo bem que várias pessoas aqui acharam o texto de TERF péssimo sem nem lê-lo... mas eu fui relê-lo agora pra escrever mais sobre ele - ou aqui ou só pra uma amiga minha - e achei ele MUITO bom.

Eu tinha ficado com a impressão de que a autora deixava explícito que ela tinha sido violentada, e aí a partir desse ponto do texto ela iria se permitir falar sobre os gatilhos dela e sobre ela ver estupro em todo lugar... agora que eu reli eu vi que não é bem assim, tá só implícito, mas escrito de um jeito tão forte que dá pra inferir as vivências dela - e, aliás, depois que eu fucei um pouco mais o site dela, vi que estão escritas em detalhes em outros posts.

Tem uma coisa lá no meio do texto dela que eu achei MUITO foda. Ela diz: “NÃO SABER LIDAR COM UM NÃO PARA UMA INVESTIDA SEXUAL É SOCIALIZAÇÃO MASCULINA”. Eu tou há meses tentando deixar mais claro o que é “homem”, “mulher”, “masculino”, “feminino” pra mim e porque o “mundo masculino” era um inferno, e essa idéia é uma boa chave de pensamento.

De: Eu

Em: 3/maio/2015 06:57

...e eu ia comentar aqui que acho uma estratégia ruim a gente chamar as histórias pesadas dos outros de mimimi, porque isso praticamente convida as outras pessoas a dizerem que as nossas histórias são mimimi também... mas fiquei deixando pra quando eu conseguisse escrever de um jeito mais caprichado, e agora vi que ao invés de usar as minhas palavras eu posso fazer uma citação. Lá vai.

“Quem se omite diante da dor não escolhe a neutralidade. Escolhe afundar ainda mais a vítima numa lama de culpas, nojos e medos. E eu só tinha o papel para enfrentar o que passava sem perder a lucidez.”³⁸

³⁸<https://milfwtf.wordpress.com/2014/06/23/sobre-pedofilia-e-a-minha-primeira-historia-de-horror/>

Pouco depois do meu último comentário me baniram do “Transfeminismo <3”. Duas semanas depois comentei isto aqui no grupo “Feminismo Trans”:

De: Eu

Em: 16/maio/2015 02:40

...e eu tou aqui torcendo pra pessoa “ex-trans virando rad” não ser eu, porque deve ter pelo menos 3 pessoas me rotulando assim agora... me expulsaram de um grupo e várias pessoas me bloquearam sem explicação depois que eu escrevi essas coisas aqui,

<http://angg.twu.net/falta-misandria.html>

eu sei que eu pisei em gatilhos, mas não imaginei que ia ser tão grave... porque por mim eu estava tentando pensar exatamente sobre que tipos de “pertencimento” a gente deveria estar procurando - tem coisas que acabam me soando como a rixa eterna da turma da rua de cima com a turma da rua de baixo...

Aí uma pessoa que também estava no grupo anterior disse: “Vc foi expulso do grupo porque concordou com um texto totalmente transfobico” e “E ainda ficou relativizando transfobia”, e pouco depois me baniram do “Feminismo Trans” também.

E-mails pra Silvia

De: Silvia

Para: Mim

Em: 2/maio/2015 15:57

Muito bom! Acho que você foi no ponto!

Só duas coisas:

Eu acho o termo Terf bem complicado. Em primeiro lugar porque, bom, é pejorativo, né? Já que nenhuma mulher se intitula terf, embora algumas se intitulem perf (P de pênis), pois trans homens são aceitos nos espaços exclusivos. E em segundo lugar porque é um termo misógino. Por que só as mulheres têm um termo para designar o fato de serem trans-excludente quando a sociedade inteira é trans-excludente e quando quem agride, estupra e mata trans são homens cis?

Outra coisa é que só em espaços exclusivos virtuais pude entender o conceito de gênero para as feministas radicais e acho que posso tentar te explicar uma coisa que parece que não está clara para quem não participa desses grupos: o conceito de “identidade de gênero” está fazendo mulheres cis, cada vez mais, irem para o feminismo radical. Não porque elas são transfóbicas, nenhuma delas nega o sofrimento de ser uma pessoa trans que passa por transição, muito menos das trans que se prostituem, das que sofrem violência transfóbica... Talvez você ache ruim o que vou dizer, mas espero que você consiga entender o meu ponto: há homens afirmando serem mulheres não-binárias querendo se impor como mulheres lésbicas. Basta passar um batom e colocar uma saia e dizer “sou mulher” para ser mulher? E automaticamente qualquer mulher cis passa a ser opressora dessa pessoa que a vida toda teve todos os privilégios de ser homem? E a voz dessa mulher não-binária deve se sobrepor à de uma mulher que passou a vida inteira sendo silenciada por ser mulher? Você consegue perceber porque isso é problemático?

Geralmente são homens brancos universitários, barbados, que colocam uma saia e um batom e a partir do momento em que dizem que são mulheres ninguém pode negar isso. Pensa em como essa pessoa é vista por mulheres que têm trauma de estupros ou medo de estupros corretivos. Pensa em como mulheres podem se sentir ameaçadas pela hipótese de que um homem coloque uma saia para se dizer não-binária ou gênero fluido apenas para ter sexo com mulheres.

A maior parte das pessoas que se dizem não-binárias ainda por cima dizem que são lésbicas e que se uma lésbica não quer fazer sexo com eles é porque é transfóbica. O que uma lésbica vê quando isso acontece? Como não ver um homem impondo o seu pênis sobre o corpo feminino? Uma lésbica não pode não gostar de pênis a não ser que tenha passado por traumas? Eu conheço duas meninas que passaram por pressões desse tipo. Onde mais elas iriam

poder falar sobre isso se não em espaços exclusivos?

Sério, acho que alguém devia dizer pra esses caras que eles tão fazendo muito mal pra militância trans. Não sei se eles têm fetiche em serem oprimidos ou o quê, mas só vão conseguir que lésbicas e feministas radicais reafirmem que ser mulher não é usar saia.

Um beijo,

Silvia

De: Eu

Para: Silvia

Em: 3/maio/2015 22:54

Hey!!!

Adorei a sua resposta, passei o dia pensando nela, com vontade de escrever uma resposta gigante...

Desculpa eu ter usado o termo “TERF”... é porque eu tava num grupo de pessoas trans...

Deixa eu primeiro te mandar duas coisas que eu acabei de postar lá na discussão. Aliás, antes olha isso aqui, que foi um dos comentários de lá...

“Só pelo titulo eu nem vou ler...por q ja sei q tem chorume de terf.”

Lá vão os meus dois comentários. Mais depois! Beijos! =)
(...)

De: Eu

Para: Silvia

Em: 4/maio/2015 00:00

Eu ando procurando onde, __pra mim__, está o centro da distinção entre homens e mulheres, qdz, quais são os aspectos do “mundo masculino” que fazem com que meios masculinos sejam um pesadelo pra mim...

Nos últimos dias eu andei tentando pensar em termos do que seria “energia masculina” e “energia feminina”, principalmente em termos de tipos de desejo, modos de se relacionar com o próprio corpo e com os dos outros... e andei começando a catar coisas que eu li há anos atrás num livro do Reich (o “A função do orgasmo” - bem interessante), num sobre Tantra (que eu não tive paciência pra tentar reler), em livros clássicos de psicanálise que eu nunca tinha lido antes (que gente doeeenteeeeeee esses psicanalistas!!!), e vi que tem boas coisas no “O segundo sexo”...

Uma idéia-chave (pra mim): um princípio do “masculino” é o “lavou, tá novo”; um do feminino é que é preciso cuidar e prestar atenção, porque tem muita coisa que se for quebrada não dá pra consertar depois.

Lendo os livros dos psis idiotas eu vi uma coisa recorrente, super interessante... “pênis” é automaticamente associado a “poder” e “prazer”; é como se todas as mulheres fossem intercambiáveis e não houvesse muita diferença entre transar com a que você ama muito e uma que é só espólio de guerra pra estuprar... ou seja, é como se a __qualidade__ de conexão com o outro não fosse importante... e eu ando com a sensação de que essa obsessão por definir qual é o nosso “tipo”, se a gente é hétero ou gay ou o quê, tem um pouco dessa idéia de que as pessoas-nossos-objetos-de-desejo são intercambiáveis, que a gente pode tranquilamente se livrar de uma e arranjar outra do mesmo tipo...

Claro que isso que eu tou descrevendo é exatamente o oposto de como eu funciono.. pra mim a qualidade da conexão com a outra pessoa é o que mais importa, e lidar com o genital, ou até só com o físico, às vezes é tão complicado que é melhor deixar isso pra lá, ou pra depois - e daí o que eu vivo dizendo e as pessoas não entendem, que é que “sexo estraga tudo” (muitas vezes), e que muitas vezes a gente tem relações sem sexo muito mais fantásticas do que outras com...

Desculpa se tá bagunçado, né, eu avisei que isso eram coisas que eu ainda to longe de conseguir escrever direito. =)

Beijos,

E.

P.S.: ah, “mulheres trans” invasivas, que acham que têm que ser aceitas

só porque se auto-declararam mulheres e lésbicas, pra mim são homens sem noção, e esse tipo de cara sem tato e sem noção é exatamente o tipo que eu mais tenho vontade de combater... não que eu consiga fazer muito contra esses caras por enquanto, mas o horror que eu tenho a eles é visceral.

(...)

De: Eu

Para: Silvia

Em: 4/maio/2015 09:00

Fiquei pensando sobre as “mulheres trans” invasivas, que pra mim são ômis vestidos de mulher...

Eu só fiquei sabendo em detalhes de um caso desses, o da Heleonora/Léo, aqui no Rio. Eu conheci elx no dia da visibilidade trans, depois um dia ela começou um chat comigo, me dando esporro do nada por eu ter uma página que ela considerava transfóbica entre os meus likes, a gente brigou, ela se recusou a ler as coisas que eu mandava e no final ela postou o link de um “EVENTO PARA VOCÊ ENCHER MEU COPO E NÃO MEU SACO!” (hosted by “Mulher sem frescura”). Eu fiquei triste, fui desabafar com uma garota trans super fofa que eu tinha conhecido no mesmo dia e por quem eu tinha ficado encantado, mas nisso eu ainda tava tentando ver a Heleonora/Léo só como alguém super equivocadx, descarregando nos outros coisas que não devia...

Depois fiquei sabendo que elx já tinha até mandado fotos do pau delx pra pessoas por chat, e que ela tava sendo expulsa de todos os grupos, massacrada, e aos poucos as pessoas que tinham prints das maluquices e grosserias dela foram até se sentindo mais à vontade pra falar delx pelo nome em lugares bem mais públicos das internets... mais um pouquinho seria com nome e sobrenome, mas não vi chegar a esse ponto. E um dia vi ela pedindo alguma recomendação de psicólogo que o plano de saúde dela cobrisse, e depois ela sumiu.

Os ômis vestidos de mulher das baladas da Unicamp são figuras que ainda são meio mitológicas pra mim... você os menciona, mas os grupos nos quais eu tou omito a existência deles por estratégia - uma estratégia da qual eu discordo. Acho que eles deveriam ser expostos e massacrados também.

Talvez a minha posição seja mais fácil do que as das mulheres trans que querem juntar todas as pessoas trans AMAB num guarda-chuvão, defender todas, e esperar que apareça alguma espécie de sororidade entre elas... porque numa época eu até combati muito explicitamente a cultura do sexo casual, até com surtos meio teatrais sempre que eu achava preciso, porque essa cultura era tão hegemônica que as pessoas ridicularizam quem procurava relações de intimidade, confiança e segurança sem notarem, como se essas coisas fossem um delírio romântico ingênuo, ridículo e ultrapassado - e quando elas faziam isso elas atrapalhavam que gente como eu 1) se expusesse, 2) encontrasse outras pessoas parecidas, 3) existisse (porque eu ficava me sentido errado e doente e tentava mudar).

(...)

Ah, não, não, péra, tem mais uma coisa que eu queria falar. Enquanto as histórias dos ômis invasivos vestidos de mulher não circulam com mais detalhes cada lado faz os seus “deslizamentos” - no sentido daqui, <http://transfeminismo.com/o-banheiro-e-a-ideologia/> - e as trans pensam só nos casos mais extremos, que são poucos, e dizem que as rads estão pegando esses poucos casos e fingindo que são muitos pra espalharem transfobia...

Quando eu crescer mais um pouquinho - nas próximas semanas, espero! - eu quero ter uma terminologia mais fina pra pensar e falar sobre essas coisas, e inclusive reativar as minhas provocações antigas, que tinham uma estratégia bem séria por trás, agora me focando em que “mulher sem frescura” (vide acima) pra mim é ômi, e ômi que quer ser “mulher sem frescura” não é trans não, qdz, não no sentido que eu respeito, pra mim é ômi também. Ou, em outras palavras, sororidade com gente incapaz de sororidade é o caralho.

Beijos!

E.

P.S.: agora é que me ocorreu - e as travestis? Como ser solidário com elas, porque elas são a vanguarda do movimento e as mais oprimidas e tal... se elas são obrigadas a serem tanques de guerra, e portanto pessoas duríssimas? Bom, a resposta me veio logo depois da pergunta - as poucas que eu conheci pessoalmente são pessoas super sensíveis e fofas sempre que podem...

De: Silvia

Para: Mim

Em: 4/maio/2015 13:44

Eduardo, ontem eu passei o dia na rua e li seus 3 e-mails agora. Bom, que bom que você não defende esses “homens vestidos de mulher”! Gostei muito das coisas que você escreveu, mas voltando para o seu 1º e-mail, fiquei me perguntando uma coisa: a maioria das trans se incomoda com o fato de feministas radicais terem espaços exclusivos? Não entendo muito bem porque se incomodar, já que as coisas discutidas entre feministas radicais normalmente são muito específicas e podem funcionar como TW para trans: aborto, violência obstétrica, parto, menstruação, estupros, educação das crianças, direitos reprodutivos, representação da mulher na mídia estão entre as principais pautas das feministas radicais no Brasil. Acho que são assuntos tão importantes e urgentes... Também acho importantes e urgentes muitas das coisas que você diz, mas talvez não seja melhor que só trans possam opinar a respeito das causas trans? (Pergunta sincera, pois acho que uma pessoa cis não deve opinar sobre a causa trans, assim como acho que quem não tem útero não tem que opinar sobre menstruação.)

Um beijo,

Silvia

Antigos

Daniel e Iniciativa

(5/maio/2013)

Nas discussões sobre assédio e estupro que eu vejo eu sempre tenho a sensação de que falta alguma coisa. Nos últimos dias algumas idéias sobre o que falta começaram a ficar mais claras pra mim - vou tentar escrever o INÍCIO disto agora, mas não sei se vai dar pra escrever tudo de uma vez.

Durante dois anos, quando eu tava no fim da graduação e no início do mestrado, o meu melhor amigo era um cara chamado Daniel. Uma vez ele me disse isso aqui:

“Cara, se eu tivesse com as minhas amigas um décimo da intimidade que você tem com as suas eu já tinha comido elas há muito tempo.”

Volta e meia eu me lembro disso - e de outras coisas que ele dizia - com horror e nojo. Esse tipo de macheza dele, aliás, teve a ver com o que fez com a gente se separasse, mas vou deixar isto pra depois.

Então: o Daniel não PODIA ter mais intimidade com as amigas dele, porque elas sabiam que ele estava sempre esperando a oportunidade de poder agarrá-las.

Pro Daniel as coisas funcionavam assim: quando duas pessoas estão dando mole uma pra outra em algum momento alguma “toma a iniciativa”. Aí elas se beijam. Se der certo, depois elas trepam.

Se uma amiga do Daniel deixasse de ser defensiva com ele ele poderia achar que ela “estava dando mole pra ele”, e ele “tomaria a iniciativa”.

Vou chamar a posição do Daniel de “posição de predador”.

Quando os nossos amigos são predadores em potencial a gente tem que tomar muito cuidado com eles. Se a gente diz que gosta deles eles podem interpretar isto como uma espécie de “dar mole”, e aí eles podem ficar - deixa eu usar um termo do próprio Daniel aqui - “apaixonados”; eles ficam viajando em expectativas delirantes, sobre as quais eles não conseguem conversar - e eles entram num modo de funcionar em que eles começam a pensar o tempo todo se podem tomar a iniciativa ou não. É difícil tirá-los disso, e o único modo óbvio é cortar essas expectativas, “dar um fora” neles. Isso magoa, e não queremos fazer isto, então não podemos nem dizer muito abertamente que gostamos deles.

Uma coisa que vale a pena pensar é: porque é que os Daniéis acham que a única coisa realmente concreta numa relacionamento, o ápice de tudo, a finalidade última de todas as tentativas de aproximação, e o que as pessoas mais almejam - é sexo?

Essa pergunta é central sim, mas me toquei de que a gente pode pensar sobre ela melhor ainda se a gente for por uma outra direção.

Eu faço um esforço enorme pra sinalizar pra todo mundo que eu não compactuo com machezas, que os meus valores são outros, que eu até já perdi empregos por ser incapaz de lidar com machezas, e tal. Mas isso só funciona parcialmente.

Em algumas épocas eu acho pessoas muito mais fascinantes do que eu deveria. É meio perturbador pra mim e pra elas, e é bem possível que eu olhe pra elas de modos incômodos. Mas não sei direito, é difícil conversar sobre isto.

Eu trabalhei a minha vida toda pra não ser visto como um “predador” - ou seja, como alguém insensível e perigoso com quem é impossível conversar. Eu sei mais ou menos os porquês disto: porque eu sei que num mundo cheio de Daniéis as minhas carências mais importantes são impossíveis de satisfazer. Por exemplo - vou ter que usar termos curtos - intimidade, confiança, poder pensar junto sobre coisas difíceis, poder conversar sobre inseguranças.

O que me intriga é porque é tão difícil ser reconhecido em meios mais heteros - que são meio novidade pra mim, porque passei mais de 10 anos afastado deles - como alguém que não vai ser um “predador” de jeito nenhum. Quando eu quase só andava com lésbicas e gente trans era mais fácil.

O que eu saquei nos últimos dias - pode ser uma idéia ingênua e pode ser viagem, mas achei que valia a pena compartilhar - é que o problema tem a ver com *privilégio*. Por mais que eu não *queira* ser um predador eu *posso* ser um predador. Vou explicar: PODE SER que o meu discurso seja só pose; um Daniel que soubesse passar uma aura de confiabilidade como a que eu tento passar usaria isso pra comer todas as amigas dele - e o tal “privilégio” está em que no mundo hetero as pessoas acreditam que os homens sempre têm Daniéis dentro de si, e uma manifestação do Daniel Interior é algo tão normal que ninguém pode ser muito culpado por isto.

Várias tentativas das mulheres dizerem que elas são seres sexuais também, com desejos próprios e tal, são postas em termos correspondentes a estes: uma mulher com desejos pode a qualquer momento revelar o seu Daniel Interior.

Eu sempre tive muito problema com essa história de “iniciativa”. Uma das coisas que mais me levou à beira do suicídio quando eu era adolescente foi uma amiga minha, por quem eu era muito apaixonado, me pondo sempre contra a parede e me mostrando que eu deveria tomar a “iniciativa” - mas aquilo era algo totalmente alienígena à minha personalidade, e das poucas vezes que eu tentei tomar algo parecido com essas iniciativas foi patético.

Aos poucos bem depois eu fui conseguindo relações baseadas em outros tipos de aproximação que não tinham nada a ver com essa “iniciativa”. Mas deu muito trabalho.

História de T

(29/dez/2014)

Deixa eu contar uma história do meu tempo de muita testosterona - aliás, melhor, do tempo em que eu vivia envenenado por testosterona. Vou contar só uma delas, porque esse tipo de coisa acabava acontecendo tipo uma vez a cada dois anos.

Primeiro um pouco de contexto. Em 2001 eu estava no meio do doutorado, estudando pelo menos umas 12 horas por dia, e pensando nos meus assuntos de pesquisa quase o tempo todo, até quando eu dormia. Eu tinha um bocado de tempo “livre”, e eu aproveitava pra fazer aulas de coisas como circo - acrobacia aérea - e Tai-Chi, pra eu ter mais energia e não enlouquecer.

Pois bem. Até alguns anos antes disso a minha estratégia de vida era baseada em eu ser magro e frágil e ser covardia alguém me bater; ou, em outras palavras, em os caras fortes nunca me verem como alguém que competia com eles.

Eu nunca soube lidar com as babaquices machistas que os caras falam pros outros amigos babacas machistas rirem, e em 2001 eu comecei a pensar o seguinte: alguém tem que começar a mostrar pra esses caras que nem todo mundo acha essas babaquices engraçadas - e como ninguém mais tá fazendo isso, porque não tem ninguém mais sentindo muita necessidade de fazer isso, esse alguém vai ter que ser eu.

A gente acha que Tai-Chi deixa as pessoas calmas, mas no meu caso não foi bem assim - Tai-Chi me deixou poderoso, controlado e preciso.

Eu vou contar a história da segunda vez em que eu “fiz alguma coisa”.

Era 2004, acho, e eu e umas dez outras pessoas passamos meses preparando um evento de Software Livre. O evento ia acontecer num domingo, de manhã e de tarde, num espaço cedido pelo Instituto de Física da Universidade Federal Fluminense, em Niterói, e quase todo mundo da organização morava no Rio.

No sábado de tarde eu e mais uma meia dúzia de pessoas fomos pra lá pra UFF pra instalar nos computadores as coisas que faltavam. A gente achava que ia ser fácil, mas lá ficou claro que a gente ia ter que virar a noite trabalhando... e às duas horas da manhã a gente viu que a gente ia ter que correr na casa do Diogo, num subúrbio do Rio, pra pegar o computador dele e fazer sei lá mais o quê, pra poder terminar tudo mais rápido.

A gente foi no fusca do Luís, com o Luís dirigindo, e na volta, lá pelas 7 da manhã, a gente pegou duas pessoas no caminho - dois palestrantes do evento - pra dar carona pra elas pra Niterói.

A cena que eu quero contar aconteceu no meio da ponte Rio-Niterói. No banco de trás do Fusca estávamos eu, à direita, o Diogo no centro, e à esquerda

um dos caras pros quais a gente deu carona. Não lembro o nome dele, então vou chamá-lo de O Imbecil.

O Imbecil tava falando que tudo era coisa de viado - era a única “brincadeira” que ele conseguia fazer pra socializar.

Aí ele disse que gato era coisa de viado.

Aí o Diogo disse que tinha 8 gatos.

A gente tinha acabado de passar horas na casa do Diogo com os 8 gatos.

Então. Eu já tava vendo tudo vermelho, e eu sabia que se eu não fizesse nada, se eu ficasse em silêncio e fosse cúmplice daquela idiotice, eu ia passar os meses seguintes muito mal.

Eu disse pro Imbecil que esse negócio de “isso é coisa de viado” é coisa de viado.

Eu disse que se ele tratava a gente como homens eu ia tratar ele como homem também.

Eu me debrucei por cima do Diogo, que, lembrem, era quem estava no meio do banco de trás, e apertei o pescoço do Imbecil com toda a força, e enquanto ele ficava roxo eu berrava que ele era um covarde e outras coisas, e mandava ele reagir. Eu queria ficar batendo a cabeça dele contra o vidro do carro, mas ele ficou molinho pra eu não bater muito, e não deu pra eu bater.

Não sei quanta experiência vocês têm com essas coisas, mas quem tem alguma sabe que nós somos animais - brigas são simplesmente situações de muita energia, e elas em geral acabam quando o vencedor se define, ou quando a gente resolve de algum outro jeito, juntos, essa energia toda que apareceu, e transforma essa energia de briga em outra coisa. Em brigas de cães ou de ursos, por exemplo, raramente alguém se machuca muito - a briga termina antes. Com humanos é assim também, em geral.

Aí a gente chegou no evento, e as pessoas ficaram sabendo dessa história, em várias versões - algumas pessoas até perguntaram pro Imbecil o que eram aquelas marcas de unha no pescoço dele - e claro que não aconteceu nada comigo... primeiro porque a história era engraçada e exótica o suficiente pras pessoas ficarem à vontade de ficar do meu lado ao invés de do lado do Imbecil, e segundo porque o traço principal do universo masculino, pelo menos aqui no Brasil, é o direito à babaquice. Essa foi uma das poucas vezes nas quais eu exerci o meu direito à babaquice ao invés de ficar sempre tentando pateticamente ser racional e respeitável, e foi incrível!...

Essa história é uma das mais preciosas que eu tenho entre as minhas memórias. Desculpem, eu sei que muitos de você vão ficar chocados, mas essa história é como uma pequena jóia pra mim... talvez - e isto está me ocorrendo agora - porque foi uma das pouquíssimas vezes nas quais eu consegui usar

o meu lado masculino, que em geral era tão problemático, pra fazer algo espetacular.

S-C-R

Às vezes a gente precisa se tornar visível
pra encontrar as pessoas parecidas com a gente.
Entre em contato!

eduardoochs@gmail.com

<https://www.facebook.com/eduardo.ochs>

Estes seis textos são espécie de anexo ao zine
“Falta Misandria no Movimento Trans”...
eles eram parte de uma coisa/leitura/performance
que se chamaria “Sexofóbico como Resposta”,
que eu comecei a fazer antes de zine e não terminei.
Versão: 2018jun01.

<http://angg.twu.net/>

<http://angg.twu.net/gender.html>

<http://angg.twu.net/falta-misandria-2.html>

<http://angg.twu.net/falta-misandria-scr.html>

<http://angg.twu.net/LATEX/falta-misandria-a5.pdf>

<http://angg.twu.net/LATEX/falta-misandria-scr.pdf>

Dica: na versão online - o PDF em A5 - os links funcionam.

1. A princesa

Deixa eu usar uma imagem. A sua família se muda pra outra cidade, e você vai pra outra escola. Na sua escola antiga você era só uma criança introversiva que não se relacionava direito com ninguém. Na escola nova alguma coisa deu um clique - outra criança te perguntou alguma coisa e achou as suas respostas interessantes, e em poucos dias você estava sendo convidado pra festas - na escola antiga você era esquisito por ser totalmente incompetente pra esportes; e as festas eram só uma confusão de pessoas barulhentas sendo mais barulhentas ainda, pessoas correndo pra lá e pra cá bebendo e se sacaneando, todo mundo querendo que tudo fosse como nas festas de adolescentes dos filmes americanos - mas na escola nova ser introversivo não é pecado, você foi adotado por um grupinho que às vezes se reúne pra conversar por horas, e eles sabem que as pessoas que falam menos são as que às vezes aparecem com as melhores idéias, e conjuram as melhores imagens -

Aí um dia - desculpa, tá ficando difícil escrever sem gênero, então deixa eu usar o feminino - uma das suas melhores amigas te convida pra uma festa maior, em que vai ter bem mais gente, e onde você não vai conhecer praticamente ninguém. Você acha essa amiga fascinante, ela acha você fascinante também, e ela age de forma meio protetora com você. Vocês duas entram juntas na pela porta da casa enorme cheia de gente, e naquele momento você é a amiga daquela garota, e você compartilha um pouco da aura dela, vocês são duas princesas entrando numa festa numa castelo - e a sua versão anterior, a menina tímida da outra escola, é só uma memória distante -

Eu vivi muitos anos acreditando que a vida era assim: que eu iria em algum momento encontrar a festa certa, a em que as pessoas realmente interessantes estavam, e eu entraria nela como uma princesa, e tudo funcionaria... minhas qualidades, que eram algo praticamente sem valor na escola anterior, iriam brilhar como um colar de diamantes através de um vestido leve e semitransparente; eu seria adotada, e a versão anterior de mim, que vivia em humilhação e vergonha, se tornaria só uma memória distante.

2. Príncipe encantado

Algumas pessoas detestam a expressão “príncipe encantado”, porque acham que “isso não existe”... eu gosto dela.

O príncipe encantado é alguém que nos salva por mágica. Tem uma frase que é: “qualquer tecnologia suficientemente avançada é indistinguível de mágica”... qualquer coisa que o príncipe encantado saiba fazer que esteja muito adiante do que as pessoas do nosso círculo sabem fazer é, num certo sentido, mágica. Se as pessoas do nosso círculo chamam o diferente de esquisito e de idiota, chamam o cara que não canta ninguém de viado e não sabem conversar, então quem nos entende e nos aceita e conversa com a gente é um príncipe encantado que nos salva “por mágica”.

Outra coisa legal da expressão “príncipe encantado” é a seguinte: *todas as mulheres procuram um príncipe encantado.* Ora, então os príncipes encantados, que devem ser muito poucos, vão ser disputados a tapa! Como fazer com que eles nos escolham? O que nós podemos fazer pra merecê-los, e como fazer com que eles nos avistem no meio da multidão?...

Pior ainda: e se os príncipes encantados parecerem pessoas comuns, como nós vamos avistá-los e reconhecê-los? E se eles não estiverem prontos? Se da mesma forma que nós precisamos ser salvos eles também precisam ser salvos um pouquinho? Se eles ainda são só príncipes encantados em potencial? Se eles parecem sapos?...

Como é que nós podemos virar pessoas muito interessantes e capazes de “mágica”, e nos tornarmos amigos das outras pessoas interessantes e capazes de “mágica”?

3. Querelle

Quando eu tinha 14 anos abriram um cineclube perto da minha casa - o Cineclube Estação Botafogo. Eles tinham um esquema no qual a gente podia virar sócio pagando só um pouquinho por mês e aí assistir quantos filmes quisesse. Eu comecei a passar muitas tardes por semana lá.

Quando eu tinha uns 15 anos eu assisti Querelle, do Fassbinder, feito em cima do livro do Jean Genet. Até aquele momento eu nunca tinha ouvido falar nem de Fassbinder, nem de Genet.

Antes de falar do filme deixa eu explicar umas coisas sobre o mundo no qual eu vivia. Eu vivia num mundo incrivelmente homofóbico. “Viado” era só um xingamento - a gente não conhecia ninguém que fosse homossexual, e aliás eu tinha todos os indícios de que ninguém da minha família conhecia alguém que conhecesse alguém que conhecesse alguém que fosse homossexual - mas a gente passava o tempo todo fazendo todo o possível pra não “ser viado”, porque “ser viado”, mesmo que fosse durante um instante só, significava cair num abismo social sem volta, era pior do que ser um leproso e um pária, era a gente passar a merecer porrada de todo mundo a toda hora, até a gente desaparecer e apagam todos os traços (bons) da nossa existência.

Eu sabia que esse mundo super homofóbico era um mundo de mentiras e medo. A gente vivia em alerta, sempre preparado pra reagir quando a gente fosse sacaneado pelos colegas - a gente tinha que peitar na hora a pessoa que nos desafiava e dar uns motivos que mostrassem que a gente não era viado... e, bom, esses motivos eram improvisados na hora, então claro que não eram algo nem muito profundo nem muito verdadeiro...

Vários traços meus eram “coisas de viado” - tipo eu ler muito, detestar atividades físicas, não gostar de ser escroto com os coleguinhas, e ficar mal quando me sacaneavam - então a minha situação era bem complicada, não “ser viado” me tomava muita energia.

Mas deixa eu voltar pro filme.

Todos os atores do filme são homens super musculosos, e a única personagem feminina é a Madame, a dona do bordel da cidade em que o navio do Querelle está ancorado. O Querelle, que é o personagem principal, é um marinheiro que está sempre testando sua coragem ultrapassando cada vez mais limites. Ele já vinha cometendo pequenos crimes, e ele resolve que está na hora de experimentar matar alguém pela primeira vez. Ele assalta um cara numa rua escura, mata esse cara a facadas, e logo depois resolve experimentar algo que é um tabu dez vezes maior que o assassinato.

O bordel da cidade tem uma regra que todo mundo conhece. Quem quiser transar com a dona do bordel tem que jogar dados com o marido dela, que é um cara negro enorme. Se o cara ganhar nos dados ele transa com a dona do

bordel, e se ele perder ele tem que dar a bunda pro marido dela.

O Querelle vai no bordel, diz que quer transar com a Madame, joga dados com o marido dela, e rouba nos dados - ele roda um dos seus dados pra ele dar um valor menor, pra *perder* no jogo.

Assistir Querelle me fez repensar toda a minha noção de coragem... e, além disso, o filme quase que dava uma fórmula, em dois passos, pra se a gente quisesse sexo homo: 1) seja incrivelmente corajoso, 2) vá pro submundo.

Eu até hoje ainda não sei qual seria uma “fórmula” correspondente pra quando a gente sonha em poder deitar a cabeça no colo do nosso melhor amigo.

4. O pitbull

Eu estava voltando pra casa. Era um fim de tarde, hora do rush, e tanto a rua quanto a calçada estavam lotadas. Nessa época um dos assuntos mais discutidos, e que sempre aparecia nas manchetes dos jornais, era o que fazer com os pitbulls. Eles eram os cachorros preferidos dos “pitboys”, que eram uns garotos ricos mimados e vândalos que viviam em academias, e que eram hipermasculinizados e que sempre que podiam se metiam em brigas. Já tinha tido uma meia dúzia de casos em que os pitbulls dos pitboys tinham atacado e mutilado, ou até matado, pessoas, e havia uma campanha em andamento pra tornar pitbulls ilegais, exigindo que eles fossem todos mortos, ou que pelo menos proibissem andar com pitbulls na rua ou tê-los em casas que tivessem crianças.

Então, nesse dia eu estava voltando pra casa, andando por uma calçada hiperlotada de gente, e eu vi que ao lado de uma banca de jornais tinha um espaço praticamente vazio - e nesse espaço tinha um garoto e uma garota, de algo entre 12 e 15 anos, provavelmente irmão e irmã, conversando casualmente entre si, e entre os dois o cachorro deles: um pitbull.

“Dois adolescentes com um pitbull”... nessa época isso normalmente seria algo apavorante, mas os dois tinham um ar tão frágil, eram super sensíveis, super atentos, e o cachorro deles, um pitbull só um pouquinho mais velho que um filhote, olhava pra todo mundo com uns olhões enormes, tristes, doces e carentes, e tentava exprimir, não só com os olhos mas com o corpo todo, algo como “ei, ei, por favor, por favor, vem brincar comigo, eu não vou te fazer mal nenhum!”... e umas poucas pessoas até faziam contato visual com o cachorro e olhavam ele nos olhos um instante, mas todo mundo, absolutamente todo mundo, evitava ele por medo, e então ali, no meio daquele semi-círculo colado na parede cinza de uma banca de jornais, tinha um cachorrinho doce e carente fazendo toda a força pra parecer que tinha metade do tamanho que tinha, e ele sabia que ia ter que ser o mais fofo *possível* pra que alguém chegasse perto, mas ainda não estava funcionando, ele teria que ser ainda *muito* mais doce, mais puro, mais sincero... e ele continuava tentando...

Essa cena - essa imagem - nunca me abandonou. Pra mim isto é exatamente o que é ser homem - aliás, melhor, *andar dentro* de um corpo masculino - num país machista. A gente fala sobre *privilegio masculino*, mas, bom, privilegio masculino quer dizer principalmente você poder ser estúpido com as pessoas e elas sempre te desculparem - porque elas sabem que você é um animal irracional que não sabe se controlar.

Existe um papo de que o que as mulheres procuram e valorizam são os homens sensíveis. Isto só é verdade até um certo ponto.

Deixa eu voltar pra história do pitbull mais um pouco. A gente tem esse

cachorrinho que está fazendo tudo, absolutamente tudo que pode pra merecer que algum dia um “príncipe encantado” apareça e faça carinho na cabeça dele por cinco segundos. Mas o que acontece se vários anos se passam e ninguém se aproxima? Se todo o esforço pra sinalizar pro mundo o quanto a gente quer ser fofo é em vão? A gente gastou um tempo praticamente infinito polindo nossos corações, examinando nossos pensamentos e devaneios, procurando cada coisinha que poderia parecer um gesto bruto, e tentando curar cada migalha de brutalidade por trás, e trocá-la por atenção e cuidado...

Então: imagina que os anos se passam e a gente ainda é visto e tratado por absolutamente todo mundo como um pitbull. Nossa doçura e nossa esperança se desgastam, e dão lugar à amargura... e todo mundo em torno da gente diz pra gente, com as melhores intenções, coisas como: “mas você é um pitbull! Aproveite a sua pitbullzice! Se divirta...”

5. Armadura

A coisa mais impressionante que aconteceu quando eu comecei a terapia hormonal foi quase imediata - eu tomei os remédios, fui dormir, e acordei diferente. Antes meu tórax era um bloco rígido, como uma armadura... muitos músculos meus estavam tão rígidos há décadas que eles não mandavam nenhuma informação pro meu cérebro - eles não mudavam nunca, não havia nada pra mandar. Quando eu acordei tinha, sei lá, 20, 50, 100, 200 músculos que era como se eu não tivesse antes, e que passaram a ter mobilidade e sensibilidade. Era enlouquecedor, mas era fantástico.

Eu ainda estou tentando pôr direito em palavras porque é que às vezes, principalmente quando eu tinha cerca de 20 anos, eu cruzava o olhar com alguém na rua durante um ou dois segundos e o olhar dessa pessoa me salvava o dia. Olha esta idéia daqui: podia ser que eu sentisse que com aquela pessoa eu poderia tirar a armadura. Essa pessoa me dava um vislumbre, e aí eu conseguia imaginar - aliás, planejar - um futuro no qual eu não precisaria mais viver de armadura...

O que aconteceria se eu afinal conseguisse me aproximar de uma pessoa dessas e me abrir com ela? Acho que eu explodiria, eu diria “obrigado” e “que alívio” e que eu procurava algo assim sem conseguir encontrar, e eu começaria a chorar - mas isso é tão perigoso, né, porque aí provavelmente a outra pessoa iria me achar um chato, dependente, descontrolado...

Garimpando nos meus cadernos de anotações eu encontrei esta frase: uma armadura de espinhos que protege o meu coração.

6. O espelho

Eu me perguntava a toda hora: “será que o que eu estou fazendo é *de verdade?*” - e com isso eu tive que procurar algum critério pro que seria “de verdade”, até porque eu sempre tive uma vizinha na minha cabeça dizendo que nada do que eu fazia era verdadeiro o suficiente ou bom o suficiente, que tudo que eu fazia era ridículo, que tudo meu tinha defeitos gigantes -

Agora eu acredito que a gente vive uma farsa quando a gente precisa de cada mais energia pra sustentar o que a gente acredita que é; quando os nossos pilares de sustentação vão ficando cada vez mais frágeis e há cada vez mais situações e memórias que a gente precisa evitar. A “verdade” seria o oposto disso: a gente está ficando mais verdadeiro quando a gente consegue se comunicar com cada vez mais gente, ouvir as pessoas melhor e pensar junto com elas, mesmo que a gente tenha mais dúvidas que certezas; *e quando a gente tem acesso a cada vez mais memórias*. Viver uma farsa é ter que bloquear memórias e pensamentos; ser verdadeiro é não precisar bloquear, mesmo que a gente precise às vezes atribuir significados e explicações novos para memórias antigas.

Depois que eu saí do armário eu lembrei de uma memória muito forte da minha adolescência, que estava enterrada, esquecida. Teve um período de uns dois anos no qual toda vez que eu via o meu reflexo num espelho isso estragava o meu dia - então eu andava pela rua com muito cuidado com pra onde eu olhava, e eu mantinha tapado com papel pardo o espelho do meu banheiro (eu tinha um banheiro só pra mim lá na casa dos meus pais).

Acho que quase todas as pessoas trans sempre se viram como alguém do gênero oposto ao sexo biológico... mas eu não sou assim, porque eu nunca *me via* direito - eu sempre fazia o possível pra que o meu aspecto físico fosse algo muito secundário, quase irrelevante.

Agora, depois que eu comecei o tratamento hormonal, eu consigo olhar pra mim.

Ímãs de geladeira

Eu e a Marta Portugal, que era a minha melhor amiga de adolescência, vivíamos inventando juntos umas coisas que eram meio slogans e meio idéias pra pichações... quando ela morreu — de suicídio, na sétima tentativa, em 2004 — eu continuei fazendo esses mini-textos sozinho.

Em 2018 eu resolvi juntar os meus mini-textos preferidos num PDF em A4 pra imprimir isso em papel adesivo e aí recortar alguns e grudá-los por aí. Acabei mudando de idéia e fazendo um íma de geladeira A4, e agora toda vez que eu passo pela minha geladeira eu penso “UAU, que coisas fortes”, e me sinto bem.

7.
amor era pra ser
uma coisa boa

2.
simpatia é quase desejo e
desejo é quase ameaça

4.
meu corpo é masculino
e meu olhar incomoda

11.
uma armadura de espinhos
que protege o meu coração

15.
- Aai, você complica tudo
- Aai, você pensa demais
- Aai, você não tem espontaneidade
- Aai, você nunca é natural

10.
altere suas memórias
apague suas inseguranças
sorria
e aí você vai conseguir
alguém que vai
te comer e
te descartar

9.
eu ia nas festas e
as pessoas não
falavam comigo
um dia eu descobri
que elas não sabiam
falar

3.
precisamos falar
sobre hemorróidas

12.
finja que a
outra pessoa
gosta de você
e pronto

16.
Como você aprendeu a não ter nojo de si mesmo?
Como você aprender a gostar de se masturbar?
Como você aprendeu a ter coisas físicas com outras pessoas?
Você não tem medo de se envolver com a pessoa errada
e passar 5 anos à beira do suicídio?

1.
tudo que eu
preciso é de
um homem
pra chamar
de canalha

5.
É tão mágico
quando um cara
fica super a fim
de mim que
eu não noto
que ele fica
super a fim de
50 pessoas por mês

19.
a minha
intuição
não falha
nunca
a minha
intuição
sempre diz
a respeito de
qualquer
cara com
quem eu fico
você está me
traindo

6.
ó, resolve todos
os seus problemas
sozinho, ninguém
tem saco pra gente
com problemas

18.
- Eu gosto de como ele lida com os problemas.
- Não era melhor não ter problemas?

13.
Eu vou ser tão grossa com você quanto eu quiser
e tão injusta quanto eu quiser e você
não tem controle nenhum sobre isso

14.
quando você tem um corpo masculino
é comum se passarem meses entre
você ganhar um abraço e você ganhar
o próximo

8.
nem todo evangélico
é estuprador

17.
Quando eu crescer eu quero ser que nem vocês e fazer provocações fofas
com es minhas melhores amigas sem essa paranóia-quase-certeza de que
se eu demonstrar um pingão que seja de tesão pelas pessoas mesmo que de
brincadeira elas vão se afastar de mim com horror e nojo

Sobre a performance Xereca Satânik

1 Suspensão

Quando eu comecei a descobrir coisas sobre body modifications em 1993 tudo aquilo parecia impensável. Quando eu fiz os meus primeiros piercings — escondidos — nos anos seguintes, algumas das pessoas que souberam ficaram MUITO chocadas. Quando eu morei no Canadá em 2002 um amigo meu me convidou pra um evento que teria suspensões e pullings — e as pessoas da platéia lá estavam TÃO atentas que acho que todo mundo viu o momento em que uma das pessoas com os ganchos saiu da sintonia, os ganchos começaram a doer de um jeito ruim, e ela teve que pedir pra parar. Todo mundo saiu de lá alterado — Montreal é um lugar onde as pessoas não têm dificuldade de se olhar nos olhos, e dava pra ver pelos olhares que todo mundo que estava lá ficou muitíssimo mais atento... acredito que todo mundo tenha conseguido se ver no lugar de todos os participantes mais ativos — as pessoas dos ganchos, as que preparavam e colocavam os ganchos, a turma da assepsia, os que davam apoio pra que ninguém caísse...

Eu fui um mero espectador, e o meu barato durou uma semana. Lembro da frase de um amigo meu: “I feel high without any drugs”.

Rio das Ostras, 2012. Eu resolvi ir na Convenção de Tatuagem que teve no Parque da Cidade em setembro, e no final dela teve um evento com suspensões. Várias pessoas se voluntariaram pra serem suspensas por ganchos, mas era tudo banal — o que também foi a impressão de vários amigos meus. Nós ficamos nos perguntando porquê — era bizarro que algo que deveria ser tão intenso só causasse apatia, e que nem as próprias pessoas suspensas estivessem prestando muita atenção.

2 Xerecas Satânicas

Eu fui parar no espaço da amendoeira quase por acidente naquele dia. Eu sabia que ia ter uma performance, mas eu não estava dando muita bola pra ela. Num momento eu disse pra minha amiga com quem eu estava conversando “ei, tem umas pessoas peladas, vamos ficar mais perto pra ver o que vai acontecer?” Ok, era uma mulher pelada, duas mais ou menos, e um cara de short, com uma camada de argila na pele, fazendo percussão em canos de metal no chão, perto de uma fogueira — até aí nada de especial. Uma das mulheres semi-peladas começa a batucar, quase sem noção de ritmo, num latão de lixo daqueles grandes, cor-de-laranja, com duas rodas, e a cantar uns funks com letras de protesto — uns que eu já tinha ouvido em manifestações no Rio, outros, como um sobre a Aracruz Celulose, que eram novidade.

Eu tinha ouvido algo sobre Anarcofunk. Será que alguns dos performers

eram do Anarcofunk? O que é Anarcofunk? É como se fosse uma banda, com um número pequeno e fixo de componentes, ou é um coletivo grande, ou o quê? Será que algumas dessas letras de protesto — e das que eu ouvia em protestos no Rio — tinham sido inventadas por aquelas pessoas que estavam à minha frente?

Aí a garota pelada pega uma bandeirinha do Brasil de pano, de tipo uns 15×20cm, e começa a enfiar dentro da xereca. Dá um trabalho, ela leva uns 5 mins fazendo isso. Até aí tudo bem, também. Aí ela se deita sobre duas mesas de bar de plástico colocadas uma do lado da outra. A amiga dela — semi-pelada — ajuda ela a terminar de enfiar. Aí essa amiga pega agulha e linha e, pelo menos aparentemente, começa a costurar a xereca da que tá com a bandeira.

Eu tava longe e não dava pra ver direito. Na verdade, como a luz era muito fraca, a gente quase só conseguia ver um pouquinho mais quando espocava um flash, ou quando as câmeras lançavam aquela luz mais forte durante um ou dois segundos que elas usam pra ajustar o foco — e então eu comecei a ter uma relação ambivalente com as câmeras, porque um lado eu ainda tinha a minha relação normal de desprezar as pessoas que não conseguem estar totalmente presentes nas situações, e aí ficam tirando fotos (que vão ficar péssimas) pra postar no Facebook, e por outro lado as luzes das câmeras eram o que permitia a quem estava longe ver um pouquinho mais... eu comecei a perguntar pra pessoas que estavam perto de mim o que estava acontecendo, e todo mundo achava que uma performer estava costurando a outra, mas ninguém tinha certeza absoluta... e eu não via nada que parecesse com luvas cirúrgicas ou desinfecção de nenhum tipo, e ISSO começou a me deixar muito agoniado — eu pensei, q*ralho, que que são essas pessoas? Todo mundo que eu conheço de body modifications hoje em dia é obcecado por esterilização e segurança... que tipo de riscos essas pessoas estão correndo? Que infecções podem acontecer? Elas pesquisaram e têm praticamente certeza de que o risco de ter algo difícil de tratar é muito baixo? Ou a certeza é outra, é a que a da xereca está num daqueles estados alterados nos quais a imunidade do corpo fica altíssima — como a de índios e faquires? Que tipo de cumplicidade existe entre que a que é costurada e a que costura? Será que se a que está costurando se desconcentrar a costurada pode perder a concentração também?... e as pessoas diziam “nossa, isso deve doer muito”, mas a costurada se levantou, ficou em pé defronte da fogueira, com um sorriso de orelha a orelha e uma postura imponente de quem está acostumada a ficar nua em público, e começou a desfazer parte da costura puxando os fios com as mãos, tirou a bandeira da xereca, depois segurou-a logo acima da fogo até que ela começasse a se incendiar, ficou dançando com a bandeira em chamas um tempão,

e só depois tirou o resto dos fios da costura... depois uma das semi-peladas se deitou na mesa, e a outra começou a fazer pequenos cortes nela um pouco acima do peito com um bisturi — e a que estava sendo cortada começou com uma cara de dor, mas logo depois estava com um sorriso enorme também, e isso eu estava assistindo bem de perto, e dessa vez eu fiquei agoniado porque o jeito de fazer o corte me parecia totalmente sem noção, a que cortava ia e vinha com a ponta do bisturi várias vezes sobre a mesma linha de leve, como se estivesse raspando aquela linha... e como eu formo quelóides com muita facilidade eu sempre tive uma coisa de que cada corte proposital tem que ser feito com muito cuidado e precisão, não dá pra errar... agora é que eu tou vendo que nunca me ocorre me imaginar no lugar de alguém que tenha uma cicatrização mega-bona, e cujas cicatrizes sempre desaparecem...

Outra coisa importante é como a atitude das pessoas que estavam assistindo foi mudando. No início era um mero “uau” com risinhos; depois virou algo tipo “eu não acredito que estou assistindo isso”, meio de choque, meio de “nossa, isso vai dar merda” — mas por mais que a performance fosse chocante e até, pra algumas pessoas, talvez ofensiva, ninguém teve nenhuma atitude de interrompê-la... pelo contrário, nossa passividade de espectadores foi quebrada — nós nos tornávamos cúmplices, nós tínhamos que cuidar da segurança da performance da mesma forma que ninguém na platéia de um circo atrapalha um número de corda bamba ou o de um malabarista com facas... aliás, éramos ainda mais responsáveis ainda do que num circo, porque era claro que a performance teria repercussões posteriores, e nós teríamos que defendê-la, e defender o espaço da amendoeira, das pessoas que nas semanas seguintes poderiam querer punir os responsáveis e fechar o espaço...

Depois da performance as pessoas ficaram eletrizadas durante horas — eu fiquei até as 3 da manhã conversando com várias pessoas e grupinhos lá perto da amendoeira, e todas as conversas eram fantásticas. Uma coisa que eu pensei foi: se nós tivermos que defender essa performance quando der merda depois, uma das coisas que podemos fazer é contar algumas das conversas que surgiram, e que nunca teriam acontecido sem a performance.

Logo depois dela eu estava conversando com o Tiago Abs, um amigo meu que estuda Produção Cultural, sobre o quanto dela a gente achava que tinha sido improvisado, e ele disse que ele tinha se oferecido pra ajudar fazendo projeções que combinassem com a performance, e o pessoal do grupo disse pra ele: olha, não dá, nem nós mesmos sabemos direito o que vai acontecer — e, bom, eu desconfiava que havia muito improvisado, isso explicaria porque muitas partes eram genuinamente chatas, a energia baixava, e outras partes tinham uma energia e uma vida impossível de se ter em coisas ensaiadas... depois eu e o Tiago tivéssemos outra conversa super legal, sobre a componente sexual

da performance — a dona da xereca ainda passou um tempo andando sem roupa, e todo mundo do grupo aproveitou que a performance tinha acabado pra beber muita cerveja no pouquinho tempo em que eles ainda teriam energia pra isso antes de irem pro hotel... e era legal que normalmente a gente vê de forma sexual corpos nus, mas a atitude de todo mundo com a Raíssa era de admiração e proteção, tipo, se qualquer um desse em cima dela a gente consideraria uma falta de educação enorme, e daria um puxão de orelha no cara —

3 Liberdade com o próprio corpo

Eu vi, nos dias seguintes à performance, várias pessoas dizendo “cada um pode fazer o que quiser com o seu corpo”.

Isso não é verdade. Eu conheço vários caras que não podem nem deixar o cabelo crescer um pouquinho, porque se fizerem isso correm o risco de serem demitidos do emprego, ficarem mal vistos na igreja ou apanharem em casa, e sei até de meios nos quais se um cara fizer um gesto errado de mão os colegas vão sacaneá-lo durante meses, porque consideravam aquele gesto aviadado.

Se eu fosse um cara que não pode fazer nada de diferente com meu próprio corpo e eu ouvisse um estudante de produção cultural dizendo que “cada um pode fazer o que quiser com o seu corpo” eu teria inveja — e raiva. Eu acharia que o estudante não sabe nada da vida, nunca teve que trabalhar, é mimado, é sustentado pelos pais.

Eu não sei porque as pessoas ainda dizem “cada um pode fazer o que quiser com o seu corpo”. O tempo de verbo está errado. É ofensivo. “Cada um deveria poder fazer o que quiser com o seu corpo” seria bem melhor.

A gente regula não só o que a gente faz com os nossos corpos como os nossos desejos. A gente se defende dizendo que nunca quis deixar o cabelo crescer, que nunca quis fazer algo sexualmente estranho, que quem quer essas coisas é viado, ih, ah, eu não, eu sou macho, porra, qualé, sai pra lá.

Nesse sentido a performance foi muito ofensiva. As performers queriam se furar e se cortar, e fizeram isso em público. Nós vimos o momento inicial de dor, que logo se transformava em prazer e força. Elas estavam muito além da fase do “não”, da vergonha, da mentira, da culpa. A atitude física delas era de sinceridade absoluta. Elas conquistaram o nosso respeito — e não era o respeito de quem olha pro lado e finge que não vê — nós estávamos junto, e formávamos um círculo de proteção.

A gente associa cenas sadomasoquistas com situações de tensão sexual extrema, e com desejos errados — que precisam ser escondidos. Se alguém

da nossa igreja ou da nossa família soubesse de nossas fantasias e práticas sadomasoquistas essa pessoa ficaria alarmada e tentaria nos “ajudar” e nos “curar” — talvez até nos delatando para alguém que ela considerasse mais competente.

“Cada um é livre pra fazer o que quiser com o seu corpo” — mas essa liberdade tem um preço, a gente tem que desistir de determinados grupos sociais e de determinados trabalhos pra poder exercê-la. Uma pergunta natural sobre as performers — como elas podem ser assim? — se transforma facilmente num grande “onde”: onde elas vivem? Em que meios elas circulam? Elas ainda se relacionam com suas famílias? Como? De onde vem o dinheiro delas? Em que elas trabalham? O quanto do que elas ganham é mesada? Como elas se relacionam com o porteiro, com o Seu Manoel da mercearia, com as pessoas da rua?...

As performers mostraram que não tinham pudor nenhum de fazerem coisas que seriam absolutamente impensáveis para as pessoas “normais”, as que têm famílias “normais” e trabalhos “normais” e frequentam igrejas “normais”. As atitudes delas diziam: vocês acreditam que dar vazão a certos desejos “errados” é suicídio social — vocês seriam expelidos da família, da igreja, dos trabalhos, dos amigos do clube e do bar, e morreriam à míngua. Nós não nos importamos a mínima com a sociedade “normal”, seja a de Rio das Ostras ou a qualquer outro lugar, e estamos aqui, com uma sinceridade impensável pra quem faz concessões aos “normais”, somos íntegras e muito fortes — e vejam, o estranhamento inicial já passou, e nós cativamos vocês.

Imagino que seja bizarro ver pessoas que “merecem ser apedrejadas” sendo tão apoiadas pela multidão.

4 Responsabilidade

Há uns anos atrás eu ouvi falar de uma instalação na qual um artista deixava um cachorro amarrado num canto de uma galeria sem comida e sem água. Os visitantes, e as pessoas que eu ouviram falar da instalação, fizeram um rebu enorme, e num instante organizaram protestos que tiveram apoio internacional. Dois dias depois da inauguração o artista disse: olha, qualquer um de vocês poderia ter trazido água e comida pro cachorro e acabado com a instalação, mas ninguém fez isso.

Se alguém na performance das xerecas tivesse ficado realmente incomodado essa pessoa poderia ter protestado na hora... as performers teriam tido alguma reação — não sabemos qual -, porque elas estavam muito atentas ao público. Mas ao invés disso umas pessoas incomodadas só foram embora, e alguém

tirou umas fotos e denunciou depois — dando um resumo completamente distorcido do que aconteceu.

No primeiro debate a gente viu que todo mundo que criticava a performance estava se baseando só em informações fragmentadas e distorcidas. Havia algum modo “objetivo” de mostrar o que a performance realmente tinha sido? Não! Ela não tinha sido documentada, e aliás, os performers teriam se comportado de forma bem diferente se ela estivesse sendo filmada... e tinha pouca luz, e uma filmagem teria pego 40 minutos de música caótica com umas poucas cenas “pesadas” no meio — seria algo insuportavelmente chato de assistir. A performance era infilmável.

No primeiro debate algumas pessoas tentaram criticar quem estava atacando a performance a partir só das fotos, boatos e reportagens tendenciosas, dizendo que essas pessoas não estavam lá e não tinham como saber como tinha sido de verdade. Mas caramba, a gente não pode estar em todos os lugares ao mesmo tempo, a gente tem que partir de informações parciais e boatos e a partir disto tentar conseguir mais informações e se posicionar...

(Continua... Esta é a seção mais importante, então volte depois pra ler o resto! =))

5 Mecanismos

Há uns meses atrás um comediante americano chamado Andrew Bailey postou um vídeo incrivelmente corajoso chamado “Why rape is sincerely hilarious”. No vídeo ele começa fazendo umas piadas sobre estupro de um jeito retardado e ofensivo, mas logo ele começa a contar de como ele foi seduzido por uma mulher mais velha quando tinha 13 anos, e a gente vai entendendo como por um lado ele devia achar aquilo ótimo — porque aquilo era exatamente a fantasia dos colegas adolescentes dele — mas por outro lado ele se sentia péssimo e ele nem sabia articular direito porquê... e ele não conseguia sair daquela situação, ele estava preso, como que numa armadilha, e a vida dele foi entrando em colapso. No fim do vídeo ele diz que ele acha estupro de garotos algo sinceramente engraçado — “porque ele tem que achar” — e pela cara dele, um riso nervoso que no início do vídeo era só idiota mas que agora no final está cada vez mais à beira do choro — a gente entende como essa história pra ele ainda está muito longe de estar superada...

Fazer piada com situações com as quais a gente não consegue lidar é um mecanismo de defesa bem conhecido. Dizer que a pessoa assaltada ou espancada ou estuprada estava no lugar errado, ou fez algo pra provocar, é outro — a gente está dizendo que aquilo nunca vai acontecer com a gente, porque

ela foi idiota e a gente é mais esperto que ela.

Vou voltar a este tema dos mecanismos de defesa em breve.

Deixa eu começar a falar sobre arte agora — e também vou voltar a “arte” depois, aos poucos.

Uma obra de arte boa é uma que a gente olha e gosta. Uma obra de arte ótima é uma que faz a gente pensar. Uma obra de arte excelente é uma que transforma a gente. Uma obra de arte *realmente excelente* é uma que transforma o mundo todo.

Fazer coisas dá trabalho. Uma vez eu li uma coisa genial sobre isso: se você vai pintar uma natureza-morta é uma péssima idéia passar só 10 ou 15 minutos arrumando sobre a mesa os objetos que você vai pintar — porque aí depois de 10 ou 20 horas trabalhando no seu quadro você vai estar se arrependendo muito, porque vai estar vendo o tempo todo como a sua composição de objetos na mesa era sem graça, péssima, até.

Quem viajaria até Rio das Ostras de graça, só com uma ajuda de custo mínima, pra apresentar uma performance ingênua, mal preparada, e que as pessoas vão achar só “boa”? Algumas pessoas fariam isso sim — mas eu não consigo me imaginar no lugar delas. E quem faria uma performance com riscos físicos e até riscos legais, se não tivesse muita certeza do que está fazendo? Ou só com certezas burras? É curioso como tanta gente tem “certeza” de que os performers da Xereca Satânik são idiotas — e, engraçado, pra mim é tão evidente que essa “certeza” é um mecanismo de defesa —

6 As coisas que não deveriam existir

Em 4/jun/2014 um aluno da Computação do PURO, o Oberdan, publicou um vídeo que satirizava vários argumentos (fracos) das pessoas que estavam defendendo a performance. Confesso que num primeiro momento eu fiquei muito irritado assistindo o vídeo, mas depois vi que era uma síntese genial, e de tudo que eu já vi atacando a performance o roteiro dele era a coisa que mais merecia ser relida muitas vezes. Segue uma transcrição dos diálogos.

- Sim, mas vocês são então alunos da UFF?
- Sim, do PURO.
- (Tosse) Desculpe.
- Somos alunos da UFF-PURO em Rio das Ostras, estávamos tendo um seminário de Corpo & Resistência... foi realizado durante a semana palestras sobre o assunto...
- Palestra sobre o assunto?
- Sim, palestras, então aproveitamos o dinheiro do CNPq e promovemos a arte “Xerecas Satâniks” para protestar contra violência e estupro na cidade.

— Eu tentei entender, levar sério o que eles diziam, mas não fazia o menor sentido. Não dava pra acreditar que era sério que tinha gente apoiando esse vexame. Não pude me conter.

— Então quer dizer que o evento “Xerekas Satâniks” foi “arte” e tinha como foco protesto?

— Sim, inclusive nós tivemos bolsa do CNPq para realizar o evento.

— Sim, foi um evento sério de cunho artístico.

— (Tosse) Desculpa.

— Como eu ia dizendo, ela costurou a pepequinha porque as meninas da cidade são estupradas, então pensamos: “se eu costurar a pepequinha as pessoas vão parar de ser estupradas, porque isso é culpa da sociedade capitalista, dos burgueses, dos...”

— (Ri e se controla) Desculpa. Desculpa, desculpa, sei que é sério. Pois então, vocês acreditam que se costurar pepeca as pessoas da cidade...

— Eu acho que ele não sabe o que é arte. E nem falamos com ele sobre a parte do cerol...

— Perdoe-me a falta de cultura, é que na verdade é um pouco confuso pra mim. Mas este evento visava chocar a sociedade mostrando que a elite intelectual do país é massa de manobra?

— Sim, por isso fizemos de madrugada dentro do espaço da UFF.

— Uhum.

— Porque a UFF é federal. Se quiséssemos mostrar apenas para a população local teríamos feito em uma escola municipal qualquer.

(O apresentador agora está às gargalhadas e não consegue mais se controlar)

— Não entendo a graça. Tinha tudo pra dar certo: crânio, círculo, gente pelada... foi uma festa como qualquer outra. Minha avó até me deu a agulha...

— “Elite intelectual! Pff...”

— Por isso é que o país está assim... lamentável...

— Foi mal, agora é sério. Foi a última vez, não sei o que me deu, mas vamos continuar. Um dos alunos afirmou que o evento cumpriu com a proposta e ao que parece ele veio, está aqui na platéia né, e veio nos falar um pouco da repercussão na mídia...

— Comprada. Faltou dizer que a mídia é comprada. É tudo mentira.

— Sim, chamamos muita atenção positiva para UFF, saímos no G1, na VEJA, todo mundo comenta sobre o evento, tivemos o apoio do CNPq, tá bom ou quer mais?

— Esse burguês safado comedor de McDonnald não deve ler jornal. Fala mais pra ele. Ele tem inveja porque não sabe pensar fora da caixinha. Ele e todo mundo de exatas. Só querem saber de ter um emprego digno, tem até uma empresa na faculdade.

— Lamentável... até oferecem emprego lá dentro.

— Eles são hipócritas. Quando fazem cesariana ninguém reage assim. Porque não pode costurar a pepeca?

— E foi o que aconteceu. Depois disso as pessoas me perguntam: “você estuda no PURO?” e a primeira coisa que me passa na cabeça é negar até a morte, mas eu tive uma boa formação, excelentes professores e esse é o legado que ficou pra mim. Além disso acredito que não devemos julgar um nicho de pessoas por outro.

— Espero que os calouros ou os alunos não envolvidos não tenham de pagar pelo que aconteceu e que algo seja feito a respeito.

Um argumento recorrente contra a performance é de que ela era ingênua — porque era *inefcaz!* Ora, inefcaz é exatamente o que ela não foi... os performers fizeram coisas que envolviam nudez e um pouco de dor física — coisas que demandam uma certa energia — e a energia que eles despertaram e moveram com isso, não só na cidade de Rio das Ostras como em outros lugares, foi colossal! Então temos que perguntar: será que essa reação foi a que eles queriam? O que eles queriam, afinal? Eles queriam “chocar”? Queriam “protestar pelos direitos das mulheres”? Ou o quê?

Eles participaram das apresentações do seminário, e poderiam ter explicado algo. Eles chegaram atrasados — chegaram no meio da tarde — e os organizadores perguntaram se eles gostariam de fazer alguma fala, apresentar algo, fazer perguntas, e tal. Eles disseram que não, que preferiam só assistir e ouvir, e assistiram as apresentações muito atentamente — e a impressão que o Tiago, que me contou tudo isso, teve, era de que eles pareciam muito familiares com as discussões teóricas.

Depois eles se prepararam pra apresentação, que começou bem atrasada. Segundo os cartazes de divulgação a performance seria às 18:00, mas eles deixaram pra fazê-la quando já tinha mais gente na festa, lá pelas 22:00.

Segundo o Tiago as músicas que o DJ estava tocando naquele dia eram bem diferentes das habituais, e as pessoas que costumavam ir nas festas no espaço da amendoeira pra socializar casualmente, azarar, etc, foram embora bem antes da performance. O foco do ambiente era outro.

Não havia nenhum cartaz na entrada do espaço da amendoeira — eu ia falar “porta”, mas é só “entrada” — como aqueles que avisam que o filme é proibido pra menores de 18 anos porque tem isso, aquilo e aquilo outro.

Se houvesse um cartaz desses vários dos argumentos das pessoas que atacaram a performance depois seriam insustentáveis. Mas não havia. E os performers sabiam disso. Quanto ao organizadores, eles sabiam que haveria nudez e que é mais ou menos de praxe que performers não avisam de antemão o que vão fazer.

Depois da performance os performers conversaram só um pouquinho com quem estava lá, depois foram embora pro hotel, e de lá, no dia seguinte, de volta pras suas cidades.

Levou pelo menos uns dois dias pra gente como eu — e pôxa, eu fui na performance — saber que esse grupo tinha sido também o que tinha feito aquela performance na Marcha das Vadias do Rio que deu um bafafá enorme. Eles são deliberadamente anônimos, e eles se expõem muito pouco verbalmente — eles decidiram não falar quase nada... e isto faz com que as pessoas

sejam obrigadas a supôr o que eles, os performers, são e pensam — e aí algumas pessoas acham que eles são idiotas sem noção, outras, como por exemplo praticamente todo mundo que foi na festa/performance, acham que eles são brilhantes e sabem muito bem o que estão fazendo...

Será que eles seriam capazes de escrever porque a performance da Xereca foi como foi? Isto foi um dos temas interessantíssimos que apareceu nas conversas pós-performance... Imagine que eles sejam processados por algo como “obscenidade” — vou usar este termo porque já ouvi falar de processos famosos contra livros, peças, pinturas, etc, por obscenidade. Não sei como é a situação no Brasil, mas por exemplo nos EUA algo é obsceno quando contém certos elementos proibidos e não tem méritos artísticos evidentes. Então: será que eles, os membros do grupo de performance, ou sozinhos ou junto com um grupo que se mobilizaria para apoiá-los, conseguiriam produzir um livro de 200 páginas explicando de forma brilhante porque eles fizeram aquela performance daquele jeito, e de forma que esse livro convencesse muita gente que não a assistiu do valor dela?... pelo nível das conversas nos dias seguintes, estava evidente que sim — e aliás um tema interessantíssimo, que bem poderia ser um capítulo do livro, é que a construção de uma obra de arte é um processo mais intuitivo do que racional, porque como cada obra é percebida por pessoas diferentes de jeitos diferentes as variáveis são tantas que um processo com bastante espaço para a intuição acaba sendo mais eficaz que um muito racional... mas muitas vezes é preciso fazer racionalizações a posteriori para poder comunicar este processo para outras pessoas.

No modo como eu imaginei os performers do grupo eles decidiram não falar quase nada, observar como as pessoas da universidade e da cidade funcionavam, e se aproveitar do fato de que o espaço da amendoeira era um espaço razoavelmente protegido — era um espaço acadêmico e eles tinham sido convidados, então era bem diferente de fazer uma performance na rua — e se aproveitaram também de que não havia nenhum cartaz dizendo algo como “classificação indicativa: proibido para menores de 18 anos”, “contém cenas fortes”, nada assim, e portanto certas forçações de barra poderiam ter consequências posteriores para os organizadores e até para o público. E estas decisões foram meio racionais, meio intuitivas, e meio feitas de antemão e meio na hora.

Pra muita gente aquela performance, numa universidade pública e num espaço sem um cartaz de classificação-indicativa-proibido-contém-etc, não deveria ter existido... mas, repare, coisas como estupro, violência de gênero ou contra LGBTTs, etc, também não deveria existir, e isto pra mim foi um dos elementos mais importantes da performance! Não é nem que eles tenham nos feito “pensar” sobre o que a gente faz contra coisas que não deveriam existir;

eles fizeram muito mais do que isto — eles fizeram todo mundo revelar como lida com as coisas que incomodam e não deveriam existir, quais são nossas prioridades, quais são nossas estratégias, quais os nossos mecanismos de defesa

— Talvez o termo “mecanismo de defesa” seja pequeno pro que eu quero falar agora, que é algo mais geral, então vou usar só “mecanismos”.

(2014jun16: acabei de acrescentar as seções abaixo, que estão muito incompletas... estou tentando conectar várias idéias-chave — apolíneo versus ctônico/dionísíaco, definição de arte, potência, responsabilidade, uso do próprio corpo, uso de recursos mínimos (comparar com Duchamp), etc, mas ainda falta muito — praticamente só consegui escrever o início de cada seção, que prepararia o terreno pras idéias mais difíceis que viriam depois...)

7 Satânica?

Quando uma vizinha que eu nem conhecia me pediu pra eu caminhar junto com ela alguns quarteirões quando eu estava indo pra festa/performance — porque lá em Rio das Ostras é comum as mulheres terem medo de assaltos e estupros mesmo quando andam por lugares iluminados — ela me contou que tinha ficado assustada com o nome “Xereca Satânik”... eu comentei vagamente que já tinha visto festas com nomes muito mais pesados, mas não quis entrar em detalhes, porque o nome que eu estava pensando era o de uma das festas anteriores, que era “É possível ter prazer anal no Multiuso”, e o flyer tinha uma foto da Sandy...

Pra mim era bem óbvio que os organizadores estavam simplesmente fazendo experiências de linguagem, tentando encontrar o tom certo entre o chocante e o engraçado, com umas pitadas de nonsense.

No debate da 6ª feira é que eu vi que várias pessoas — alunos religiosos do PURO — têm uma definição de “satânico” e têm “certeza” de que aquela é a única. “Satânico” pra mim era um termo que tinha dezenas de significados diferentes, cada um deles incompatível com quase todos os outros, e eu achava que era assim pra todo mundo...

8 Coisas que enlouquecem

A minha mãe leu o início deste texto — as seções 1, 2 e 3 — há uns dias atrás e teve um chique. Vou explicar porquê.

Imagine uma pessoa que um dia experimenta maconha e isso acaba sendo o início de um processo no qual ela vai perder toda a sua capacidade de fazer julgamentos acertados e agir moderadamente... ela vai passando pra drogas mais pesadas, fica cada vez mais viciada — apesar de ter um discurso dizendo que não, que ela larga quando quiser — briga com todos os amigos, perde o emprego, vende os bens, e um dia ela mata a mãe o irmão pra roubar dinheiro pra comprar crack, metanfetamina, heroína e krokodil, e na semana seguinte ela morre na sarjeta.

Agora imagina um processo parecido com um garoto que não controla seus pensamentos pecaminosos, por puro espírito de porco ele resolve que não quer ser uma pessoa decente e se casar e consituir família etc, ele segue o caminho do pecado, vira gay e depois uma travesti prostituída e drogada, vira a escória da sociedade e morre na sarjeta que nem o meu personagem anterior.

Outra história: dois caras brigam. Um deles numa hora desiste de controlar a raiva — ou não consegue controlá-la — e mata o outro.

As três histórias acima são sobre personagens que cedem a tentações e isto é o início de uma decadência sem volta.

A gente está o tempo inteiro lidando com “tentações”. O quão próximos nós podemos ser dos nossos coleguinhas maconheiros? Será que eu olhei de um jeito errado pra mulher do próximo? Devemos aconselhar nossos amiguinhos que estão indo pras baladas erradas, vão ficar mal falados e assim nunca vão conseguir casamentos decentes?

Acho que a pergunta fundamental por baixo de tudo isto é: se experimentarmos uma certa coisa “perigosa”, se cedermos a uma determinada tentação, será que aquilo vai nos enlouquecer?...

Digamos que você tenha duas opções:

Opção 1

A sua família sente orgulho de você

Você tem os melhores empregos

Você tem a aceitação da sua religião

Você tem total aceitação da sociedade

E você pode andar na rua sem ninguém te olhar torto.

Opção 2

Você é expulso de casa.

Você perde o seu emprego.

A sociedade te despreza.

A sua religião diz que você é uma abominação.

E ainda você pode apanhar na rua, simplesmente por existir.

Você escolheria a opção 2?

Não?

Então porque você acha que alguém escolheria?

Digamos que você esteja com tanta raiva de uma pessoa que você fica imaginando matá-la. É óbvio que o desejo de matar alguém é pra ser reprimido, e isto é comum, e é fácil conversar sobre isto com amigos, as pessoas entendem, perguntam mais, contam histórias delas, dão conselhos, fazem piadas...

Agora digamos que você esteja a fim de uma pessoa do mesmo sexo; antigamente era igualmente óbvio que este desejo devia ser reprimido — aliás, era óbvio também que você não podia nem sequer contá-lo pros amigos, por até ter um desejo destes era grave — mas hoje dia isto é bem menos óbvio.

HAZ

(Em 11/set/2011 fizemos uma reunião na casa da Mariana com o Paulo Blank pra tentar organizar o que seria a Hazkará pro Smil, que seria no Midrash, em 26/set/2011, das 18:00 às 20:00hs. Num certo momento eu quase desisti de participar, mas acabei topando - desde que além de recitar os trechos incompreensíveis eu também lesse um texto, que eu ainda iria preparar... Em 24/set eu avisei a todos que o texto que eu estava preparando ainda estava *muito* longe de ser algo que pudesse ser usado na cerimônia, que eu não iria nela, e que se virassem sem mim.)

(O texto abaixo é uma das minhas primeiras experiências em escrever algo para ser lido em voz alta - a versão escrita dele talvez seja bem difícil de entender.)

Todo mundo lembra do meu pai como uma pessoa marcante. Ele era engraçado, espirituoso, surpreendente, e frequentemente inconveniente. Isso certamente tinha a ver com uma estratégia de sobrevivência. O meu pai sobreviveu ao holocausto, e num certo momento ele era a única criança do campo. Todos cuidavam dele, todos depositaram as suas esperanças nele, todos prestavam atenção nele, e, mesmo que à distância, todos ficavam imaginando o que ele seria depois. Acho que durante o resto da vida dele quase tudo que ele fazia era uma resposta a milhares de pessoas. Ele passou a vida inteira respondendo tanto aos horrores pelos quais ele passou quanto às pessoas que tentaram protegê-lo dos horrores, deixando ele viver num mundo à parte no campo. Depois ele viveu em outros mundos à parte - fazendo papel de gênio.

Ele me educou da melhor forma que ele pôde, mas isso queria dizer que ele achava que eu tinha que ser forte e brilhante. Ele tinha expectativas altas e me testava o tempo todo. Ele não sabia o que era relaxar. Ele tinha medos muito grandes, era defensivo, mordaz, irônico. Num certo momento eu me toquei de que se eu tinha visto o meu pai falar “a sério” - sem ironia - uma ou duas vezes a cada ano, era muito.

Eu era fresco e mimado porque eu tinha revistas em quadrinhos e brinquedos, vivia com os meus pais numa casa grande, a gente tinha empregados, e eu nunca tinha passado fome. Eu era um burro porque aos 7 anos de idade eu não tinha uma “linguagem acadêmica”. Eu era preguiçoso porque eu nunca tinha pego uma caixa de engraxate pra ganhar o meu próprio dinheiro. Eu era infantil. Esse era o mundo no qual eu vivia antes dos 10 anos de idade. E eu tinha certeza de que todo mundo era assim, como eu, e que eu era incompetente porque eu era medroso e não conseguia nem me livrar dos meus medos nem ter a confiança que os outros garotos tinham.

Meu pai tinha um mecanismo muito difícil de se lidar. Ele nunca assumia o que fazia - aliás ele nunca reparava no que fazia. Ele não tinha um “eu” com o qual ele lidasse lucidamente. Ele só lidava com “verdades” e com “lógica”.

Quando ele era agressivo ele nunca notava. E ele sempre tinha razão. Não era “achava que tinha razão”, porque no mundo dele não existiam “achos”. E nós não tínhamos provas científicas e argumentos irrefutáveis de que ele tinha sido agressivo. Aliás, quando nós conseguíamos algum e ele entendia ele dizia que não tinha tido a intenção.

(Eu até hoje tenho medo das pessoas que fazem as coisas sem prestar atenção e que quando fazem algo ruim “não tinham a intenção”. Não sei como reestabelecer um diálogo com elas quando há algum desentendimento. Me sinto muito mais à vontade com gente assumidamente cruel - eu frequentemente sei desarmar pessoas cruéis fazendo algo engraçado, e aí consigo conversar com elas.)

Meu pai foi uma pessoa muito marcante pra mim também. Eu passei a vida inteira me defendendo dele.

Eu me afastei dele - fisicamente - quando pude, mas isso não resolve tudo. Quando a gente está longe de uma pessoa que é importante pra gente aquela pessoa continua com a gente - como memórias, introjetada. Eu tentei me afastar do meu pai tanto fisicamente quanto emocionalmente. Mas o fantasma dele continuava comigo, me assombrando. Me atropelando como um trator. Me dizendo coisas pras quais eu procurava respostas, e não encontrava nenhuma resposta - porque eu precisava de respostas que ele fosse entender, mas a especialidade dele era não entender nada.

Deixa eu mudar de direção aqui - porque eu me sinto um adolescente dizendo essas coisas. Quando a gente é adolescente a culpa de tudo é dos nossos pais. Eu estava tentando escrever isto que eu tou lendo agora e eu via que aqui eu me atolava num lamaçal do qual eu não conseguia sair. Eu queria contar coisas a respeito do meu pai, e não conseguia fazer isso direito.

O que acontecia entre mim e o meu pai era sutil, na verdade. As nossas discussões, e o que ele fazia, tinham uma lógica tão estranha, tão retorcida, que eu não conseguia contar pros outros - era complicado, eu tentava resumir, montar historinhas, mas não funcionava. E como eu não sabia contar pros meus amigos as histórias, aliás não sabia contar elas direito nem pra mim mesmo, eu comecei a esquecer - aliás, comecei a “não registrar”: eu me desligava.

Muito do que a gente faz na vida da gente a gente faz porque está respondendo os nossos pais - dentro da cabeça da gente a gente está sempre está um pouco dialogando com eles, com os pontos de vista e sistemas de referências deles. Quando eu era pequeno eu não queria de jeito nenhum ficar junto com as crianças que brincavam e jogavam futebol - eu ficava no meu canto lendo e tentando construir coisas. Deixa eu ver isso de outro modo agora.

Eu me especializei em afastamentos. É como se a minha frase-chave fosse:

“eu não quero isso. Eu não quero isso de jeito nenhum”.

Eu gostava das pessoas esquisitas porque elas tinham uma tolerância maior com histórias estranhas. E os meus pensamentos eram estranhos. Eu evitava andar com as pessoas que eu chamava de “normais” porque toda vez que eu contava, ou deixava escapar, alguma história pesada pra uma dessas pessoas “normais” eu ouvia: “mas agora está tudo bem, não é?” Eu odiava essa mania de “tudo bem”.

Quando eu era bem pequeno eu desprezava as pessoas “normais” e “felizes”, porque eu achava que elas “não sabiam nada”; com uns 10 anos de idade esse meu desprezo já tinha caído por terra. Eu via que essas pessoas conseguiam brincar, viajar, conversar com gente nova, etc - elas faziam muita coisa, porque elas não pensavam 10 vezes antes de fazer cada coisa, como eu.

Durante anos eu tentei montar alguma espécie de “está tudo bem” que fosse resistente o suficiente. Eu queria me misturar com essas pessoas “normais”, porque eu tinha muito pra aprender com elas. Eu não aguentava mais ser eu, e eu queria mudar. Mas sempre, em alguma hora, esse meu “está tudo bem”, revelava rachaduras, e por trás das rachaduras algo sinistro, algo contagioso, vergonhoso. Eu era uma farsa.

Há uns 5 ou 10 anos aconteceu uma coisa sobre isso. Eu me aproximei da Daniela, minha irmã por parte de mãe, que não está aqui [*Ela disse que não iria na cerimônia*], e descobri que ela SABIA. Ela tinha passado por coisas parecidas com as minhas, mas ela lembrava de histórias, e sabia contá-las (às vezes até de modos bem engraçados). A gente começou a conversar muito um com o outro, e fazer fofocas sobre o nosso pai/padrasto da Transilvânia. Dito assim parece infantil e de mau gosto, mas eu tinha que contar, porque isso foi muito transformador. A gente começou a ter uma linguagem - e só aí eu comecei a ter memória.

A Daniela é a minha memória.

Eu estava escrevendo esse texto e muitas vezes via que eu tinha escrito algo terrivelmente incômodo, e eu pensava, será que eu devo deixar isso? E eu sabia que todo mundo iria me odiar, mas alguma coisa me dizia “não importa”, “vou deixar isso aí”, e eu comecei a pensar sobre esse processo, e descobri -

O meu pai dizia que o Holocausto era tão pior do que qualquer outra coisa que perto dele qualquer outra atrocidade, passada, presente ou futura, perdia a importância. E isso era muito opressor, porque queria dizer que o mundo tinha uma dívida infinita com ele - ele podia fazer qualquer coisa, podia explodir a qualquer hora, pra descarregar coisas que aliás ele nem entendia, e ele seria sempre desculpado. E isso fazia todo o sentido, mas era insuportável.

Eu levei 30 anos pra conseguir lidar abertamente com isso - e foi da seguinte forma: “ele tinha um crédito gigantesco por ter passado pelo que passou. Mas esse crédito não é infinito, e agora, depois de décadas, ele acabou”. E esse corte era algo bem mais pesado do que parece - era algo inadmissível, pra todo mundo. Eu me dispunha a ser considerado um monstro, por ele, pela minha família, pelos amigos dele, talvez até pelos meus amigos - a gente não se recusa a pagar a nossa dívida com a família - a dívida de cuidar de quem cuidava da gente - impunemente. Então eu não pediria mais ajuda a nenhuma dessas pessoas.

Então essa foi uma das situações na minha vida nas quais eu decidi sacrificar a minha respeitabilidade, todo um grupo grande de contatos, toda uma rede social - a rede de proteção que a gente tem por default quando nasce numa certa classe, com um ou dois dos nossos pais sendo judeus -

Na verdade eu só fiz isso porque eu tinha muito pouco pra perder. Pode parecer meio estranho isso da gente se afastar da família “por não ter quase nada pra perder” - e em enterros a

Talvez daqui a alguns anos eu tenha alguma memória confortável dele. Mas por enquanto o que eu tenho é isto.

(Aqui as minhas anotações pro que escrever viram palavras soltas e fragmentos de frases. A palavra recorrente, “monstro”, e ter que me acostumar a ser “monstro”; o que fazer, já que não dá pra parar de ser visto como monstro - solução, a gente é tolerado enquanto a gente é *útil* - uma série de afastamentos - aos 25 anos eu desisti de ser aceito no “mundo dos homens”, e assumi que eu não conseguia distinguir macheza de estupidez - desde bem antes disso eu já tinha questões enormes com o mundo hetero - no meio da década de 90, quando essas coisas ainda não estavam nada na moda (...) - (Desde os 5 anos) Eu não queria ser parecido com os homens - Eu achava um pesadelo ser obrigado a ser duro e sarcástico - Eu não queria tratar os outros como objetos - Eu preferia ter nascido menina)

(Depois algumas anotações sobre como terminar a minha fala. Eu queria forçar as pessoas a pensarem sobre **reação histérica às atrocidades** -)

Agora que ele morreu a gente pode pensar sobre tudo isso: sobre as atrocidades atuais e sobre quem sobrevive a elas; sobre tentar esconder memórias dolorosas embaixo do tapete pra gente conseguir fazer cara de que está tudo bem; e sobre o que a gente pode fazer pra não ser detestado.

Etc

Porque as pessoas ficam com homens machistas?

Um amigo meu resvalou nesta pergunta num post dele agora há pouco — mas o primeiro comentário foi “não sei se entendi bem, mas... isso não seria um pensamento paralelo ao fica com homem abusivo porque quer’?”...

Eu acho que ele tocou em algo que é bem mais profundo — mas aí não deu pra ele continuar.

1) É bem mais fácil ficar com homens machistas. Eles estão tentando o tempo todo ficar com as mulheres — então é só quando aparece um menos ruim dizer “ok, vamos tentar, talvez dê certo” ao invés de “não”.

2) Eu não conheço ninguém — repito, NINGUÉM — que queira simplesmente ficar com uma pessoa muito legal. Ficar com alguém é um pacote. A gente quer ser parte de algo que a gente reconhece como um casal, a gente quer fazer algo tipo sexo, a gente quer lidar com uma série de imagens e expectativas que têm raízes na nossa família e na nossa infância, e a gente quer tem uma relação que a gente consiga explicar pros outros de algum jeito.

3) Ficar com um homem não-machista quer dizer ficar com alguém que gasta uma energia enorme pra pensar no que faz ao invés de agir automaticamente. Ficar com um homem não-machista quer dizer ficar com alguém que não age naturalmente, que hesita o tempo inteiro, e que provavelmente é super inseguro. Ficar com um homem não-machista quer dizer ter poucos momentos de tesão e visceralidade.

Ficar com um homem não-machista não é algo como só escolher o produto certo no supermercado no meio de dezenas latas amassadas e de marcas ruins. Ficar com um homem não-machista dá trabalho PRA CARALHO, e não é só trabalho de escolher o cara certo, é um trabalho permanente.

Um post sobre o “Homem nu no MAM” (a.k.a. “La Bête”)

Um dos meus slogans favoritos é: quando você tem um corpo masculino é comum se passarem meses entre você ganhar um abraço e você ganhar o próximo.

Tá na hora de tentar montar uns slogans parecidos sobre pedofilia. Ainda não consegui arrumar as palavras, mas a idéia é que quando você tem um corpo masculino qualquer olhar seu pra uma criança PODE ser pedofilia, qualquer esbarrão acidental numa criança PODE ser pedofilia, chutar de volta a bola das crianças que estavam jogando futebol perto de você e que chutaram ela pra fora do campo PODE ser pedofilia.

Eu cresci num mundo em que carinho era algo MUITO perigoso, só a grosseria era algo seguro, só o exercício permanente da grosseria garantia que nós não íamos ser transformados em viados-párias-que-têm-que-ser-exterminados. Eu fiz MUITO esforço pra sair desse mundo, mas mesmo hoje em dia, em que eu estou pelo menos 90% fora dele, tem horas em que eu penso em chutar o balde: se todo gesto meu vai ser visto como algo feito com as piores intenções possíveis então tanto faz, eu posso fazer o que eu quiser, não faz diferença.

Outra coisa que quase ninguém tá mencionando: animais percebem e entendem mais ou menos bem as intenções de pessoas e animais próximos, e a gente também tem uma habilidade parecida, que nunca chega a ser 100% confiável, mas que a gente tanto pode ir exercitando e melhorando ela com o tempo quanto a gente pode dizer “ISSO NÃO FUNCIONA” e deixar ela atrofiar. Ficar repetindo só que as coisas tais e tais “podem ser pedofilia” e que “crianças não tem discernimento” me parece ser um jeito de martelar a idéia de que a gente não pode tentar melhorar o nosso modo de perceber intenções, a gente não pode pensar sobre como interpretar intenções, a gente não pode conversar com outras pessoas pra tentar entender intenções; a única coisa que a gente PODE e DEVE fazer é atacar os alvos óbvios do momento sem pensar sobre eles — fazer qualquer outra coisa é compactuar com pedofilia e ignorar ou relativizar os horrores da pedofilia.